

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

RODRIGO TAMMARO COSTA

**Arrependidos? Satisfações e insatisfações com a carreira
entre jornalistas recém-formados pela ECA-USP**

São Paulo

2025

RODRIGO TAMMARO COSTA

**Arrependidos? Satisfações e insatisfações com a carreira
entre jornalistas recém-formados pela ECA-USP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola
de Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier.

São Paulo

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Costa, Rodrigo Tammaro
Arrependidos? Satisfações e insatisfações com a
carreira entre jornalistas recém-formados pela ECA-USP /
Rodrigo Tammaro Costa; orientador, Rodrigo Pelegrini
Ratier. - São Paulo, 2025.
76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Jornalismo. 2. Trabalho. 3. Carreira. 4. Satisfação
profissional. I. Pelegrini Ratier, Rodrigo. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: Rodrigo Tammaro Costa

Título: Arrependidos? Satisfações e insatisfações com a carreira entre jornalistas recém-formados pela ECA-USP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier (Presidente)

Instituição: Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA USP

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Instituição: Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA USP

Julgamento:

Assinatura:

Profª. Dra. Roseli Aparecida Figaro Paulino

Instituição: Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da ECA USP

Julgamento:

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Com este Trabalho de Conclusão de Curso, pude perceber que ser jornalista é uma escolha individual estruturada coletivamente. Quando optei pela faculdade de jornalismo, fui motivado por vontades próprias; e não poderia imaginar que, nessa aventura, eu carregaria comigo um pedacinho de cada um à minha volta.

Por isso, sou profundamente grato à minha mãe, Andrea, e ao meu pai, Marcos, pela educação, apoio e incentivo. Pelos sacrifícios que fizeram por mim e por ensinarem que simplicidade e compaixão são inegociáveis. Sou igualmente grato à minha irmã, Bárbara, aos meus avós, Adelaide, Humberto, Lidia, e Ivo, assim como aos meus tios, tias, primos, primas e outros familiares que estão sempre na torcida por mim.

Também dedico meu agradecimento aos meus amigos de longa data, Alvaro, Luana e Isabella, com quem divido a vida desde o Ensino Médio; e Bruno, Lucas e Tomás, presentes que a passagem pela ECA-USP me deu.

Com destaque, agradeço ao Prof. Dr. Rodrigo Ratier, que desde o início comprou a ideia deste trabalho, me acompanhou com atenção em cada etapa e fez os apontamentos fundamentais para a elaboração deste TCC.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos aqueles que cruzaram meu caminho nesta trajetória e, portanto, fazem parte de mim. Aos professores e profissionais do Colégio Giordano Bruno e da Universidade de São Paulo; às fontes, pesquisadores e entrevistados; aos chefes e colegas de trabalho; aos leitores, espectadores, ouvintes e toda categoria de pessoa que direta ou indiretamente me incentivam a ser jornalista. Obrigado!

Rodrigo Tammaro Costa

O ser jornalista, para chegar de fato a ser jornalista, no sentido estrito, terá, um dia, atingido a consciência de que seu trabalho é pequenino, como o de um varredor de rua, de um entregador de gás, de um cobrador de ônibus. E que não há trabalhos grandes, apenas trabalhos honestos. E sinceros [...] Que não há nada mais importante que o anonimato de um trabalho decente.

(Ciro Marcondes Filho)

RESUMO

COSTA, Rodrigo Tammaro. *Arrependidos? Satisfações e insatisfações com a carreira entre jornalistas recém-formados pela ECA-USP*. 76p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Resumo: O presente trabalho identifica o arrependimento profissional como uma possível condição da carreira jornalística. Leva em consideração que essa definição é variável e dependente de diversos aspectos. A pesquisa promove reflexões sobre as expectativas que o jornalismo suscita; o entendimento do jornalismo como trabalho e, portanto, inserido nos contextos de precarização e digitalização contemporâneos; as condições reais da carreira; e as características fundamentais de satisfação dentro da categoria. Essas reflexões são alcançadas com base nas respostas a questionário aplicado a 67 jornalistas recém-formados pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Busca-se levantar, de forma exploratória, informações sobre as condições profissionais dessas pessoas e os elementos de satisfação e insatisfação que identificam na carreira. Obtém-se que a visão romantizada e idealizada do jornalismo frequentemente se opõe às condições práticas de atuação. Conclui-se que o arrependimento é menos determinante do que o esperado, mas outros elementos como a baixa remuneração e a elevada carga horária representam fatores de descontentamento. A satisfação, por outro lado, parece mais ligada aos indivíduos que manifestam adesão (Travancas, 2011) à profissão.

Palavras-chave: Jornalismo. Trabalho. Carreira. Satisfação profissional.

ABSTRACT

Abstract: This study identifies professional regret as a possible condition within the journalism career. It acknowledges that this definition is variable and dependent on several factors. The research invites reflection on the expectations associated with the journalism profession; the understanding of journalism as labor embedded in the broader contexts of contemporary precarity and digitalization; the actual conditions of the career; and the key characteristics of job satisfaction within the field. These reflections are based on responses to a questionnaire administered to 67 recently graduated journalists from the Escola de Comunicações e Artes at University of São Paulo (ECA-USP). The study aims to explore and collect information about these individuals' professional conditions, as well as the elements of satisfaction and dissatisfaction they identify in their careers. The findings suggest that the romanticized and idealized perception of journalism often clashes with the practical realities of the profession. The study concludes that regret is less decisive than initially expected. However, factors such as low pay and long working hours are significant sources of discontent. Satisfaction, in contrast, appears to be more closely associated with individuals who demonstrate a strong sense of commitment or identification (*adesão*) with the profession (Travancas, 2011).

Keywords: Journalism. Labor. Regret. Career. Job fulfillment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão dos participantes por ano de formação na ECA-USP.....	31
Figura 2 – Divisão dos participantes por gênero.....	32
Figura 3 – Cor/raça dos jornalistas participantes.....	33
Figura 4 – Participantes por faixa etária.....	34
Figura 5 – Situação profissional atual dos participantes.....	35
Figura 6 – Vínculo empregatício.....	36
Figura 7 – Área de atuação.....	37
Figura 8 – Atividades realizadas no trabalho.....	38
Figura 9 – Fontes de renda.....	39
Figura 10 – Carga horária.....	40
Figura 11 – Carga horária (análise segmentada).....	41
Figura 12 – Adequação da carga horária.....	42
Figura 13 – Estresse no trabalho.....	43
Figura 14 – Estresse entre jornalistas e não jornalistas.....	43
Figura 15 – Avaliação sobre o reconhecimento dos esforços.....	45
Figura 16 – Medo de retaliação como influência no trabalho.....	46
Figura 17 – Satisfação com a intensidade da rotina.....	47
Figura 18 – Satisfação com a intensidade da rotina (segmentada).....	48
Figura 19 – Remuneração.....	49
Figura 20 – Remuneração (segmentada).....	49
Figura 21 – Avaliação da remuneração.....	50
Figura 22 – Avaliação da remuneração (análise segmentada).....	51
Figura 23 – Correspondência das expectativas.....	52
Figura 24 – Correspondência das expectativas (análise segmentada).....	53
Figura 25 – Planos profissionais.....	55
Figura 26 – Arrependimento e satisfação com a carreira jornalística.....	56
Figura 27 – Arrependimento e satisfação com a carreira jornalística (análise segmentada).....	57
Figura 28 – Comentários de terceiros sobre a profissão.....	59
Figura 29 – Pessoas que afirmam que jornalismo não vale a pena.....	60
Figura 30 – Desmotivação com comentários sobre a profissão.....	61
Figura 31 – Recomendação da carreira jornalística.....	62
Figura 32 – Impacto do jornalismo na vida pessoal.....	63
Figura 33 – Conhecimentos adquiridos na faculdade de jornalismo.....	64
Figura 34 – Formação complementar.....	65
Figura 35 – Apoio e ferramentas fornecidas pela empresa.....	66
Figura 36 – Possibilidade de mudar de carreira.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 A imagem projetada do jornalismo.....	16
2.2 O jornalista enquanto trabalhador.....	19
2.3 Condições reais da profissão.....	23
2.4 Adesão como condição básica.....	27
3 METODOLOGIA.....	29
4 ANÁLISE DE DADOS.....	31
5 CONCLUSÃO.....	69
6 REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	74

1 INTRODUÇÃO

Jornalismo é uma profissão requisitada. Embora a ausência de conselho, ordem ou outro órgão de monitoramento da atividade represente um obstáculo para atestar, com precisão, o número de pessoas que atuam como jornalistas no Brasil (Lima; *et al.*, 2022), alguns dados ajudam a ilustrar a representatividade dessa carreira.

Entre janeiro de 2015 e setembro de 2024, o Ministério do Trabalho e Emprego¹ (MTE) emitiu cerca de 54 mil registros profissionais. O registro profissional de jornalista, também conhecido como MTb, é um documento legal que garante o reconhecimento do profissional, além de possibilitar o acesso aos direitos específicos da categoria. No entanto, é necessário ressaltar que uma parcela significativa de jornalistas atua sem registro² e que a listagem não é atualizada a partir de desistências, mortes ou aposentadorias, o que significa que os dados fornecidos pelo MTE não permitem inferências mais abrangentes.

Outro aspecto importante a ser considerado para ilustrar a representatividade da categoria é o número de cursos de jornalismo em instituições de ensino superior. Ao todo, são cerca de 350 cursos oferecidos em 315 instituições (Moreira; Pereira, 2021).

É conhecido que, de modo geral, a profissão de jornalista está em declínio ou, no mínimo, estabilizada em um patamar mais baixo do que já foi. Mantendo-se os parâmetros anteriores sobre a emissão de registros profissionais no MTE, observa-se uma ascensão contínua até 2011, quando foi atingido o pico de 13.230 registros. Após isso, a tendência é de queda até 2014 e então há uma estabilização no patamar de aproximadamente 7 mil registros anuais. Em relação à procura universitária, utilizando-se a Universidade de São Paulo como exemplo, um fenômeno semelhante acontece. Em 2014, cerca de 2.600 pessoas se inscreveram para uma vaga no curso de jornalismo na prova da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest)³. Esse número passou para cerca de 1.500 em 2019 e foi de aproximadamente 1.100 tanto em 2024 quanto em 2025.

Apesar dessa tendência, os números do MTB e a quantidade de cursos de jornalismo mostram que essa é uma profissão que faz parte da realidade de milhares de brasileiros.

¹ Relatório de Registro Profissional - Jan/2015 a set/2024. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/servicos/trabalhador/registro-profissional/RELATORIO_REGISTRO_PROFISSIONAL_SETEMBRO_2024.pdf

² O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), conclui que esse índice é de 22,7%

³ Dados obtidos a partir do registro de inscritos nos vestibulares da Fuvest. Disponível em: <https://www.fuvest.br/acervo-vestibular>

A atuação como jornalista está associada a algumas particularidades. Uma delas é a imagem projetada. Ainda hoje, muitas pessoas que procuram a faculdade de jornalismo o fazem por acreditar que a profissão confere a capacidade de mudar o mundo (Marcondes Filho, 2009) ou garante o acesso a ambientes de poder e status (Travancas, 2011). A prática, no entanto, revela uma condição antagônica. Os jornalistas encontram um mercado de trabalho saturado, precarizado, conhecido pela carga de trabalho extenuante e mal remunerado (Travancas, 2011). Se as pessoas são atraídas para o jornalismo por acreditar que a profissão lhes confere poder, na realidade, acabam cada vez mais inseridas nas condições de precariado e carentes de estabilidade (Nicoletti; Figaro, 2023).

Diante desses dois contextos opostos — de um lado a imagem projetada, do outro a condição prática —, é esperado que muitos jornalistas se sintam frustrados em relação à profissão e, em alguns casos, tenham se arrependido dessa escolha. Um levantamento feito em 2022 pela plataforma de emprego dos Estados Unidos ZipRecruiter⁴ traz pistas sobre esse cenário. A pesquisa identificou o jornalismo como o curso universitário com maior índice de arrependidos (87%, seguido por Sociologia e Artes, ambos com 72%); entre os cursos com menos arrependidos estão Ciência da Computação, Criminologia e Engenharia, segundo a plataforma.

Alguns questionamentos são necessários antes de usar essa informação para conclusões sobre o arrependimento entre jornalistas. Primeiro, o levantamento foi feito com uma amostra relativamente pequena e em um contexto específico; nos Estados Unidos e entre pessoas que manifestaram desejo de encontrar um novo emprego. Além disso, o critério⁵ utilizado pela plataforma — questionar se os voluntários teriam escolhido outro curso caso tivessem a oportunidade — pode não ser o método mais preciso para aferir o arrependimento. Ainda assim, surpreende que quase 9 em cada 10 formados em jornalismo escolheriam outra graduação caso tivessem a oportunidade. E os dados da ZipRecruiter trazem indagações que justificam outras investigações.

⁴ O levantamento Job Seeker Confidence Survey foi feito com uma amostra online de 1.500 candidatos a emprego entre os dias 10 e 16 de cada mês de 2022. Os respondentes poderiam estar empregados, desempregados ou fora da força de trabalho, mas deveriam residir nos Estados Unidos e ter indicado o desejo de encontrar um novo emprego "nos próximos seis meses" para serem incluídos na amostra. Disponível em: <https://www.ziprecruiter.com/blog/regret-free-college-majors/>

⁵ Os candidatos foram convidados a responder à seguinte pergunta: “Se você pudesse voltar no tempo e escolher uma graduação novamente, com base no que você conhece sobre o mercado de trabalho e as habilidades que os empregadores procuram, o que você escolheria? Opção 1-Escolheria a mesma graduação novamente; Opção 2- Escolheria uma graduação diferente.” A condição de “cursos universitários com mais arrependidos” [most regretted college majors, na versão em inglês] foi estabelecida a partir do número de respondentes que escolheram a Opção 2.

Nesta pesquisa, procura-se entender se os jornalistas formados pelo Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) estão arrependidos e, em caso de resposta afirmativa, o que os levaria a essa conclusão. Mas a intenção também é ir além dessa definição e incentivar reflexões sobre a realidade desses profissionais, com um olhar direcionado para as satisfações e insatisfações, expectativas e frustrações que eles encontram em sua trajetória.

É preciso considerar que a atuação jornalística está inserida na realidade capitalista; portanto, esses trabalhadores são peças importantes da engrenagem que produz as notícias (Travancas, 2011). Enquadrar o jornalismo sob a perspectiva do trabalho também possibilita considerar questões contemporâneas que dizem respeito a um contexto social, e não necessariamente a uma categoria. Desta forma, assim como outras profissões, o jornalismo opera sob condições de virtualização, pejetização e precarização (Figaro; Silva, 2020).

Para uma reflexão que coloque no centro os jornalistas como força de trabalho, é necessário que as considerações sobre a teoria jornalística tenham o mesmo peso daquelas sobre o aspecto laboral da categoria. Examinar o paradoxo da visão romantizada ante as condições práticas de atuação permite uma compreensão mais complexa sobre o exercício do jornalismo e as dinâmicas às quais esses profissionais estão submetidos. Mas, para além disso, também significa entender como o contexto influencia e determina a produção jornalística. Enquanto as rotinas produtivas do jornal-empresa são atravessadas pela espetacularização e incentivam a regra de publicar antes de apurar (Figaro; Silva, 2020), a precarização também favorece o aumento das relações descomprometidas e cínicas, que abalam a cultura jornalística de respeito aos fatos (Neveu, 2006).

Tais reflexões se mostram igualmente necessárias no contexto de exploração do trabalho, já que essa realidade implica “uma luta política que os jornalistas, historicamente, têm dificuldade de assumir, quando o que está em jogo é o próprio emprego” (Moretzsohn, 2014, p.76). Enquanto as condições profissionais dos jornalistas suscitam sofrimento ético (Lelo, 2019) e a queda na qualidade do jornalismo (Nicoletti, 2019), “enfrentar o aprofundamento da precarização demanda a ampla mobilização desses profissionais em defesa da atividade de trabalho e do produto jornalístico” (Nicoletti; Figaro, 2023, p.42).

Por fim, é necessário enfatizar que esta pesquisa não se propõe a esgotar o assunto ou fornecer respostas definitivas sobre o arrependimento, as satisfações e as insatisfações dos jornalistas para com a carreira. A amostra por conveniência obtida no formulário deste trabalho não permite generalizações sobre a condição estudada, embora possa fornecer pistas para futuras investigações sobre o tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, busca-se identificar os aspectos fundamentais de definição do jornalismo como profissão, a fim de permitir uma análise contextualizada das satisfações e insatisfações com a carreira. Inicialmente, é descrita a imagem projetada do jornalismo, aspecto que atua em um jogo duplo e ambíguo que se manifesta a partir da atração e geralmente se transforma em frustração.

Em seguida, procura-se estabelecer o jornalismo como trabalho, condição necessária para as reflexões sobre a realidade laboral desses profissionais submetida a um contexto mais amplo de transformações do trabalho contemporâneo. Em oposição à imagem projetada, são investigadas as condições reais de exercício do jornalismo, o que possibilita um entendimento sobre o cenário de atuação da categoria. Por fim, busca-se elaborar os aspectos fundamentais de manutenção no jornalismo ou, em outras palavras, os *requisitos* para continuar na profissão.

2.1 A imagem projetada do jornalismo

A compreensão sobre o arrependimento entre jornalistas se mostrou estritamente associada às expectativas pessoais. Assim, para fazer apontamentos sobre eventuais frustrações, é necessário considerar as razões dos jornalistas e, neste caso, os motivos que os levam a profissão. Existe uma imagem projetada sobre o que é ser jornalista e como é atuar na área.

Primeiro, há o reconhecido papel social da profissão. Se a liberdade de procurar, receber e transmitir informações consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos⁶ adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, o jornalista aparece como um construtor da cidadania. “Não se forma um cidadão sem o conhecimento, são as informações que lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade” (Travancas, 2011, p.153). Isso se manifesta não só pelo caráter de transmissão da informação, mas também no interesse público associado à profissão, no espírito de atenuação das

⁶ De acordo com o Artigo 19, “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

desigualdades e na promoção do diálogo democrático, aspectos que constam no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁷.

Fazer jornalismo é pensar nesta realidade de múltiplas vozes diferentes, conflitantes, em lugares diversos e hierarquizadas nas estruturas de poder. Silenciá-las é manter um padrão colonial de poder, é manter a esfera pública restrita, a democracia incipiente (Oliveira, 2020, p.25).

As ideias de jornalismo e democracia andam lado a lado. As instituições de imprensa constituem parte integrante das dinâmicas de pesos e contrapesos característicos dos sistemas democráticos (Mesquita *apud* Brun, 2011). Daí o jornalismo *watchdog* — ou cão de guarda, que se baseia na fidelidade social dos jornalistas para denunciar desvios e inibir injustiças. É nesse contexto que a profissão assume um peso diferente na vida do jornalista, sendo interpretada não como um trabalho, mas principalmente como uma missão de serviço à população e como agente ativo do contrapoder (Plenel *apud* Neveu, 2006). Portanto, “é comum referir-se à imprensa como o Quarto Poder. Essa imagem também parece estar presente na consciência da população” (Travancas, 2011, p.22).

As ideias expressas acima explicitam a compreensão institucional do jornalismo como força democrática. A noção de poder, entretanto, assume também outra configuração. Em muitos casos, o desejo de ser jornalista está ligado a essa definição, “entendida aqui como a capacidade de se impor e de influenciar a sociedade” (Travancas, 2011, p 98) a partir da exposição de um caso ou da autoridade associada ao discurso jornalístico.

Se o jornalismo é objeto de tantas discussões, o é para uma grande parte de especialistas e cidadãos que atribuem a ele poderes consideráveis. Na política, as derrotas são explicadas com facilidade por erros de comunicação ou por um déficit de cobertura midiática. No domínio cultural, um grupo de cineastas francês pôde, em 1999, assinar uma petição acusando a crítica de estar na origem de uma recepção pouco entusiástica dos filmes nacionais pelo público. O poder dos jornalistas é ainda bem visível quando ele põe em jogo a vida de uma pessoa, em casos como o da relação de um presidente americano com uma estagiária ou de uma pessoa que se suicida depois de ter seu nome publicado na imprensa local figurando entre os alvos de uma operação policial contra uma rede de pedofilia (Neveu, 2006, p.135).

Na prática, os jornalistas sugerem que, de fato, algum poder existe, embora seja restrito. Ainda assim, eles compreendem que estão próximos a ele, mas isso não lhes pertence. Há, portanto, uma visão contraditória entre a projeção e a realidade; ser jornalista é trabalhar no meio de dois extremos: o que esboça o jornalista como alguém com capacidade de

⁷ Disponível em:

https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

influência e o que lhe retira todo o poder de transformação social por entender que isso depende da configuração e do público da empresa para a qual trabalha (Travancas, 2011). Ainda que a noção (ou ilusão) de poder apareça como um dos maiores perigos da profissão, é reconhecidamente um elemento de forte atração para novos profissionais.

Notoriedade e glamour são outras características que aproximam as pessoas do jornalismo e que, em certa medida, derivam do aspecto discutido acima — embora estejam mais associadas ao telejornalismo e, ainda assim, um tanto distantes da realidade prática. Aqui, tem-se o jornalismo como um instrumento de ascensão e obtenção de prestígio. “Essa oportunidade de mudança social, ainda que escassa em termos quantitativos, é um fator de motivação e influência na escolha da profissão” (Travancas, 2011, p.151).

Portanto, demonstra-se que o jornalismo é imbuído de aspectos resultantes em um fenômeno capaz de influenciar o caráter psicológico e prático da profissão, além de aproximar a imagem do jornalista à do super-herói, o que Geraldinho Vieira (1991) chama de Complexo de Clark Kent⁸.

Mas o que é e como atua o Complexo de Clark Kent? O poder da palavra, da imagem, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do repórter super-homem como, a começar pela tradicional história em quadrinhos, foi tantas vezes utilizada pela ficção — do cinema às novelas de tevê, passando pela literatura e pelo teatro. A ficção coloriu uma profissão onde o dia-a-dia é uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da verdade, onde as portas parecem abertas a toda sorte de liberdade, da manipulação da realidade ao acesso e divulgação da informação (Vieira, 1991, p.12).

Conforme demonstrado, as noções de poder, prestígio e importância democrática do jornalismo não só configuram atrativos para os novos e futuros jornalistas, como podem ser atuantes em maior ou menor grau na realidade profissional. Ainda assim, são descritas como ilusões, o que evidencia que não podem constituir a razão fundamental para justificar a escolha pelo jornalismo. Ao contrário da imagem projetada, e considerando que a categoria está submetida ao contexto neoliberal do trabalho na sociedade, a prática se evidencia diferente e pode ser frustrante para quem espera a rotina de viagens, aventuras, descobertas e heroísmo tantas vezes associadas aos jornalistas da ficção.

⁸ Na história fictícia popularizada pela DC Comics a partir dos anos 1930, o Super-Homem usa o alter ego do jornalista Clark Kent como disfarce.

2.2 O jornalista enquanto trabalhador

A associação com os direitos fundamentais e a importância democrática conferem ao jornalismo uma natureza particular. No entanto, como o trabalho representa uma dimensão essencial à vida social (Figaro, 2008), considerar os jornalistas como um grupo de trabalhadores, ao invés de relativizar as naturezas dessa atividade, permite uma compreensão sobre as condições em que a profissão é exercida, bem como os constrangimentos aos quais eles estão submetidos (Pereira, 2023).

Tomando como base a noção de Érik Neveu (2006), o sentido de profissão pressupõe quatro aspectos centrais: condições formais de acesso à atividade, entendidas como diplomas ou certificados; detenção de um monopólio sobre a atividade que rege; disposição de uma cultura e de uma ética válida pelos meios contratuais outorgados pelo Estado; e finalmente a existência de uma comunidade real, em que os membros atribuem a ela o essencial de sua energia e são conscientes sobre a existência de interesses em comum.

No Brasil, em princípio o exercício do jornalismo esteve associado a uma posição intermediária entre outras carreiras mais consolidadas, como a política e a cultural. Isso explica a abundância de políticos, juristas e escritores que atuaram em jornais e a compreensão do jornalismo como uma atuação secundária, uma profissão de passagem na qual o maior objetivo era alavancar os indivíduos para posições mais destacadas (Petrarca, 2009).

Essa realidade manteve seus contornos até a década de 1970, embora o jornal como empreendimento político tenha cedido espaço para a empresa jornalística já no início do século XX (Sodré *apud* Petrarca, 2009) e a configuração do jornalismo como profissão tenha acontecido essencialmente a partir de meados dos anos 1930⁹ (Nicoletti; Figaro, 2023).

Conforme Petrarca (2009), a institucionalização do jornalismo por volta dos anos 1970 se deu a partir do estabelecimento da reportagem e da presunção de neutralidade como narrativas jornalísticas; da consolidação da formação universitária¹⁰ e especialização; e da

⁹ Em 1938, o Decreto-Lei 910 define o jornalista como “o trabalhador intelectual cuja função se estende desde a busca de informações até a redação de notícias”. Alguns anos depois, entre 1943 e 1944, novos decretos são publicados e dispõem sobre a definição das funções do jornalista, o estabelecimento de uma remuneração mínima para a categoria e a criação do primeiro curso superior de jornalismo no país.

¹⁰ O próprio surgimento da ECA-USP — instalada em 1966 em meio a debates sobre liberdade de imprensa, ensino do jornalismo e aspectos técnicos e práticos da comunicação social — remonta a esse momento. “Os argumentos na defesa de disciplinas técnicas estavam relacionados à defesa do jornalismo como uma profissão específica que exigia uma formação própria” (Petrarca, 2009, p. 124).

definição de normas, objetivos e ética profissional em um contexto de mobilização e união para enfrentamento à Ditadura Militar. Os anos seguintes foram marcados por transformações que consolidaram esse movimento:

As modificações na estrutura dos jornais, as reformas realizadas pelas empresas na apresentação da notícia, a adoção dos manuais de redação, a importação de técnicas modernas [...] estão associadas à profissionalização do jornalismo e representam uma forma de sobrevivência da área diante das repressões do regime. [...] Dessa forma, o processo de profissionalização do jornalismo representa não somente uma forma de controlar o mercado e reservar os serviços aos especialistas, mas como uma forma de atuar politicamente (Petrarca, 2009, p.128).

O advento de novas tecnologias — como o computador por volta dos anos 1980, a popularização da internet e a virtualização — representou um novo ciclo de transformações com efeitos sobre a realidade do trabalhador, a começar pelas frequentes ondas de reestruturação de equipes e, como consequência, “demissões de jornalistas intensificadas pela crise do setor nas décadas seguintes” (Nicoletti; Figaro, 2023, p.41). Assim, a profissão passa também a ser caracterizada pela precarização do trabalho plataformizado (Figaro; Marques, 2020), com consequências na produção jornalística.

Quanto ao trabalho no jornalismo, além da convergência de meios, narrativas e polivalência/flexibilidade dos perfis profissionais, vemos a destruição de postos/precarização das relações de trabalho e perda de credibilidade do produto jornalístico (Silva; Figaro, 2020, p. 107).

A digitalização representa um aspecto fundamental para entender as dinâmicas trabalhistas contemporâneas. No caso do jornalismo, uma das consequências desse cenário é a descentralização da produção, que tem como resultado uma nova forma de concorrência.

A produção da notícia ganhou novos formatos, linguagens e ritmos. À concorrência se somaram milhares de anônimos capazes de produzir, postar e disseminar a informação em questão de segundos. A rotina já acelerada da redação mirou o compasso da internet, e aos jornalistas foi imposto o tempo-real trazendo implicações para a qualidade da informação, como erros, deslizos éticos, falhas na verificação e a falta de diversidade de fontes de informação. Somado a isso, demissões e fechamento de empresas jornalísticas amplificaram a pressão sobre os profissionais que passaram a atuar com equipes cada vez mais enxutas e performar variadas funções ao mesmo tempo (Nicoletti; Figaro, 2023, p.43).

Uma análise semelhante é feita por Moretzsohn (2014) durante seu estudo sobre o novo ritmo da redação de O Globo após mudanças adotadas pelo jornal para priorizar o online. Foi notada uma percepção nítida entre os profissionais de que a atividade passou a ser

mais constante, concentrada e com menos pausas. Além disso, foram comuns os casos de profissionais que passaram a ter novas atribuições sem que houvesse uma compensação financeira.

Dessa forma, o jornalismo no mundo do trabalho contemporâneo é marcado pelas condições de precarização, entendidos por Nicoletti (2019) a partir de indicadores como flexibilização da jornada, intensidade, salário, vínculo — especialmente freelancer, Microempreendedor Individual (MEI), Pessoa Jurídica (PJ), autônomo ou contrato com tempo determinado —, multifuncionalidade, infraestrutura e frequência de demissões. Conforme dito anteriormente, essa é uma realidade que supera fronteiras geográficas e de categoria, tornando-se independente da profissão e podendo ser associada em diferentes contextos.

Assim, não é mais o padrão da sociedade do pleno emprego, mas o de uma sociedade de desempregados e de formas precárias de trabalho, de emprego e de vida que passa a predominar, até mesmo naqueles países onde se tinha atingido um alto grau de desenvolvimento econômico e social (Druck, 2011, p.43).

Nicoletti e Mick (2018) identificam no jornalismo fragilidades em todos esses fatores, evidenciado as altas jornadas de trabalho, contratações com vínculo precário, diferenças salariais entre profissionais do mesmo nível, risco à vida¹¹ e adoecimento físico e mental.

Especificamente em relação ao vínculo, as duas edições do Perfil do Jornalista Brasileiro¹² ajudam a ilustrar essa condição: os contratos sob regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) caíram de 60% em 2012 para cerca de 45% em 2021; paralelamente, a pesquisa mais recente identificou cerca de 24% jornalistas trabalhando com vínculos considerados precários.

Essa instabilidade, além de representar um aspecto prejudicial à vida e à atuação profissional dos jornalistas, é explorada pelas empresas e veículos de comunicação a partir da criação de um exército de reserva responsável por baratear a mão-de-obra e incentivar as contratações sem garantia de direitos trabalhistas (Lelo, 2019). Em suma, “ela permite mitigar os custos salariais, dispor de mão-de-obra pelos valores menos gratificantes imagináveis, introduzir uma rotatividade extrema” (Neveu, 2006, p.47).

¹¹ A Unesco relata aumento dos assassinatos de jornalistas. Entre 2022 e 2023, um jornalista foi morto a cada quatro dias, segundo relatório da agência da ONU. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2024/11/02/unesco-denuncia-aumento-dos-assassinatos-de-jornalistas.htm>

¹² Realizada pela primeira vez em 2012 por Alexandre Bergamo, Jacques Mick (Coord.) e Samuel Pantoja Lima. A segunda edição é de 2021 e organizada por organizado Janaína Visibeli Barros, Janara Nicoletti e Samuel Pantoja Lima. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

A qualificação do trabalho jornalístico como submetido às situações de precarização contemporâneas permite também uma análise sobre as repercussões dessa condição em todas as esferas da vida do indivíduo. É o caso, por exemplo, do aumento da incidência de adoecimento mental e sofrimento entre os trabalhadores (Castro *apud* Nicoletti; Figaro, 2022).

O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 traz novas e profundas compreensões sobre a saúde laboral dos jornalistas e índices de adoecimento. A maioria dos participantes da pesquisa (66,2%) afirmam sentir estresse no trabalho. Cerca de um terço tem o diagnóstico de estresse e outros 20% afirmam que já receberam diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho.

O consumo de antidepressivos foi indicado para 31,4% dos jornalistas que responderam à pesquisa; 19,9% deles já foi diagnosticado com algum sintoma de Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), sendo que mais de 7% já precisou tirar licença do trabalho por esses problemas.

O assédio moral no trabalho foi confirmado por cerca de 40% dos respondentes e o assédio sexual apareceu em pouco mais de 11% das respostas. Além disso, mais de 30% afirmaram ter sofrido violência verbal no trabalho e outros 29% sofreram ataques ou ameaças virtuais em decorrência dele. Cerca de 42% já foram constrangidos no trabalho por gestores ou superiores; 35% afirmam já ter deixado de realizar alguma atividade por medo de retaliação e mais de 50% declaram já ter presenciado alguma situação de assédio moral contra colegas conhecidos, embora somente 7% dos jornalistas que responderam à pesquisa já formalizaram denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão.

O abuso de álcool e outras drogas também aparece como consequência a esse contexto de trabalho. Além do alcoolismo, doenças do estômago, coração, problemas de coluna e esgotamento são frequentes na categoria, uma condição comumente associada à natureza de tensão intrínseca ao ofício jornalístico. “Na verdade o profissional nunca está desligado totalmente. Na prática, o trabalho não tem limites. O próprio fascínio da profissão leva a essa situação (Nassar *apud* Travancas, 2011, p.36).

Para a manutenção no jornalismo, o panorama apresentado nesta seção se mostra adverso. Como visto, os impactos superam a esfera laboral e afetam os jornalistas não só como força de trabalho, mas também como indivíduos, o que pode produzir redução na qualidade do produto jornalístico, além de erros e desvios que levam a situações de assédio, violência e ao sofrimento ético, compreendido por Lelo (2019) como a consciência moral dos jornalistas diante de deslizes éticos e infrações aos princípios deontológicos.

2.3 Condições reais da profissão

Na primeira seção deste capítulo, foi discutida a imagem projetada do jornalista, associada às noções de poder, prestígio e ascensão social. Embora esses elementos configurem fatores importantes de incentivo à entrada na profissão e, em maior ou menor medida, possam estar associados à carreira jornalística, outra realidade se manifesta rapidamente.

Nos primeiros contatos com uma redação de jornal, na primeira pauta que recebe para cobrir, na primeira decepção ao ver o editor transformar sua matéria, o pobre infeliz se dá conta de que as coisas são um pouco mais complicadas. De que o jornalismo faz parte de uma instituição grande e poderosa chamada “imprensa”, que tem seus donos, suas políticas, suas preferências; de que, se ele quiser continuar por lá, deverá rezar direitinho conforme o credo, aprender os passos para não errar a dança [...] Ser jornalista é malhar, ralar, se estressar, se decepcionar, não ser reconhecido, se frustrar, tentar novamente, continuar (Marcondes Filho, 2009, p.10).

A realidade atribulada da atuação jornalística é tratada como uma condição comum à profissão. Na tentativa de produzir uma definição do jornalista típico a partir do relato de profissionais que atuam na área, Travancas (2011) encontrou o adjetivo “neurótico” como um lugar-comum. “Não só pelo ritmo de vida, mas também por ser preciso abdicar da vida pessoal” (Travancas, 2011, p.123).

Um dos elementos fundamentais do *estilo de vida* jornalístico é a relação particular com o tempo. Primeiro porque representa um dos valores-notícia, conjunto de critérios para avaliar a noticiabilidade de determinado fato ou situação (Traquina *apud* Oliveira, 2020). Dessa forma, há tanto uma inclinação para compreender a novidade como um aspecto determinante para o que é considerado, ou não, notícia, como uma ritmicidade que influencia a expectativa do público ao consumir os produtos oferecidos pelo veículo (Oliveira, 2020). Novamente recorrendo ao contexto do trabalho contemporâneo, incluindo a digitalização e, no caso do jornalismo, a produção de notícias em tempo real, os jornalistas estão inseridos em um ritmo de trabalho que os coloca como “máquinas de alta produtividade, em que é necessário produzir o máximo no menor intervalo de tempo possível” (Nicoletti, 2019). Como consequência, tem-se o “encurtamento e a supervalorização do tempo de confecção do produto jornal (o *deadline*), o alongamento da jornada de trabalho e o desmantelamento dos limites entre funções” (Grisci; Rodrigues *apud* Lelo, 2019, p.38).

No que diz respeito à jornada de trabalho, há uma certa normalização de que o jornalista não é dono do próprio tempo e este pertence à carreira, ou seja, um repórter não tem hora definida para encerrar o expediente ou terminar uma matéria. Essa compreensão é tratada como se fosse um pré-requisito para atuar na categoria.

O ponto de partida para a entrada na profissão é a entrega do seu tempo. É estar ligado à redação o tempo todo. Há uma cobrança implícita, se não explícita, de que ser jornalista significa ser jornalista 24 horas por dia e não só quando se está no jornal ou fazendo matéria na rua (Travancas, 2011, p.30).

É por causa disso que Travancas (2011) sugere que os jornalistas têm um *estilo de vida* próprio, inadequado para as distinções usuais de dia/noite ou dias de semana/finais de semana. No caso da categoria, o relógio funciona a partir da distinção “trabalho” e “não trabalho”.

Se poderia encarar o tempo do jornalista também como um tempo cíclico e intenso. Um ciclo que começa e termina todos os dias. Inicia-se com a chegada à redação e termina com a volta para casa. Todos os demais aspectos de sua vida, como família, amigos e outras atividades, ficam “suspensos” pelo tempo do trabalho (Travancas, 2011, p.41).

Essa “suspensão” de outras esferas da vida do jornalista também é destacada por outros autores. Neveu (2006) afirma que ao viver em função do acontecimento, os jornalistas tornam-se seu prisioneiro, e a amplitude de horários assume um caráter devastador para a vida familiar.

Tal impacto foi estudado em detalhes no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. O levantamento concluiu que cerca de 46% dos respondentes não julgam conseguir separar a vida no trabalho da vida familiar. Além disso, há pouco incentivo por parte das organizações para os profissionais poderem balancear a relação entre os dois ambientes. No total, 37,5% discordam da afirmação “meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família”. Cerca de um terço dos jornalistas revelou dificuldade em ter a vida pessoal como prioridade em detrimento do trabalho e 35,4% discordam quanto a terem tempo para cuidar de si.

O trabalho é o meio pelo qual o trabalhador se sustenta e sustenta sua família, mas quando há sobreposição deste à vida pessoal, ele pode se tornar fonte de adoecimentos e sofrimento para o trabalhador. Isto porque a falta de tempo para planejar o futuro e gerir a própria vida impacta na sensação de realização ou de esgotamento do profissional, que afetam as relações sociais e a saúde dos jornalistas (Lima; *et al.*, 2022, p.164).

Amplamente reconhecida como extenuante, a rotina de tensão associada ao jornalismo rendeu a categoria o horário especial¹³, de cinco horas diárias, com possibilidade de outras duas horas acrescidas, pagas como extras, desde que estabelecidas por contrato, além da previsão de trabalhar nos finais de semanas e feriados a partir de escalas de plantão. Ainda que o horário especial tenha, em alguma medida, atenuado a sobrecarga e a tensão comuns ao ofício jornalístico, os impactos efetivos são baixos, visto que quase 80% dos jornalistas trabalham mais de cinco horas por dia, conforme o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021.

Embora tratada como um aspecto inevitável da categoria, a falta de tempo desponta como um elemento fundamental de insatisfação para com a profissão. A ela, somam-se fatores como o descumprimento das leis trabalhistas, a relação conflituosa com chefes e a competição entre os colegas, e a ausência de um plano de carreira estabelecido que pressuponha ascensão por mérito e tempo de casa, não por relações pessoais (Travancas, 2011).

O maior problema, no entanto, está na remuneração. Conforme a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)¹⁴, o piso salarial da categoria varia de R\$ 1.590,27 na Paraíba a R\$ 5.179,63 na Bahia. Em São Paulo, o piso com base em cinco horas de trabalho na capital é de R\$ 4.275,75 para Jornais e Revistas e R\$ 3.362,31 para Rádio e TV. O tema é esmiuçado no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, que indica que 56% dos profissionais ganham no máximo R\$ 5.500, enquanto cerca de 30% recebem até R\$ 3.300. O levantamento também demonstra que somente 40% dos jornalistas consideram a remuneração suficiente para sempre arcar com as despesas do mês. Por outro lado, 11% dizem que os ganhos não são suficientes e que sempre ficam devendo.

Boa parte dos jornalistas brasileiros não consegue pagar sozinha as suas despesas com o salário que recebe. A situação financeira poderia ser pior se não fossem os benefícios trabalhistas vinculados ao emprego principal. [...] Destaca-se, contudo, que 35,8% afirmam não receber qualquer tipo de benefício, o que pode ser influenciado pelos vínculos precários de relações de trabalho, como MEIs, freelancers e autônomos como pessoas jurídicas, modos de contratação que não costumam oferecer benefício para além do pagamento do serviço prestado (Lima; *et al.*, 2022, p.47).

¹³ O Decreto-Lei Nº 972 de 1969 dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. O Art. 9º, determina que “o salário de jornalista não poderá ser ajustado nos contratos individuais de trabalho, para a jornada normal de cinco horas, em base inferior à do salário estipulado, para a respectiva função em acordo ou convenção coletiva de trabalho, ou sentença normativa da Justiça do Trabalho.” Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0972.htm

¹⁴ Os dados mais recentes por estado disponíveis em: <https://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/#DOU>

Assim, enquanto um dos relatos obtidos por Travancas (2011) em seu levantamento sobre a realidade dos jornalistas é categórico em afirmar que o salário é incompatível com as exigências intelectuais e práticas feitas aos profissionais, Nicoletti e Figaro (2023) concluem que o pagamento também é inadequado para seu nível de educação formal.

Mais do que um demarcador da precarização do trabalho jornalístico, a má remuneração “se estabeleceu como marca da profissão, pressionando jovens, trabalhadoras e trabalhadores seniores impedindo a longevidade da carreira” (Marques *et al.*, 2023, p.103). Como comprovado pelo Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, a manutenção da vida com os rendimentos da carreira é um obstáculo. “Isso pode levar profissionais a buscarem emprego em áreas afins, mais estáveis e mais bem remuneradas, ou até mesmo a mudar totalmente de área” (Nicoletti; Kikuti; Mick, 2023, p.75)

No contexto de trabalho contemporâneo, a precarização marcada pelos salários inadequados, a elevada carga horária e os impactos negativos na vida pessoal dos trabalhadores está longe de ser exclusiva da carreira jornalística. Ainda assim, identificar as particularidades da categoria é importante para entender como os profissionais se relacionam com ela e, nesse caso, a noção de tempo volta a ser um fator central de demarcação das individualidades do jornalismo.

Nesse âmbito, o tempo assume um caráter paradoxal. “Jornalistas gostam do que fazem, isso é inegável. A própria adrenalina nos horários críticos do baixamento foi indicada por alguns como prazerosa e intrínseca à profissão” (Grisci; Rodrigues, 2007, p.55). Se, por um lado, é motivo de tensão e adoecimento, por outro é também um dos aspectos de estímulo na carreira.

O que dá charme a essa profissão é o lado estressante. [...] a ambivalência dessa relação com a urgência que é inseparavelmente um fator de estresse e de satisfações possíveis da profissão, até se tornar uma mitologia (Outras profissões — caminhoneiros, médicos de emergências — vivem uma relação com o tempo comparável sem que façam dela objeto de evocações épicas) (Neveu, 2006, p. 87).

Portanto, enquanto o sonho do jornalismo está associado à imagem projetada e às noções possivelmente ilusórias de poder e glamour, o cotidiano revela-se como um obstáculo ao elo com uma carreira idealizada (Figaro, 2014). Mas isso não é garantia do arrependimento. Independentemente de quais eram as expectativas, muitos profissionais

fazem uma escolha pelo jornalismo, mesmo diante da realidade aqui exposta. É imperativo entender o porquê.

2.4 Adesão como condição básica

Para Marcondes Filho (2009), o jornalista é um ser moldado ao trabalho que encontra sentido na profissão. Embora reconheça todas as ilusões do ofício, o ser jornalista está além das dores e frustrações por se ver diante de uma missão. Essa compreensão se mostra interessante porque, ao invés de descartar a imagem projetada, resgata a idealização do ofício jornalístico e a transforma em um motivo de permanência, fugindo da perdição em ilusões romantizadas. Dessa forma, o jornalismo é encarado como trabalho e ainda se soma a ideia de um propósito.

Assim como a “missão” é difundida para justificar a manutenção no jornalismo, a carreira também suscita comparações com o sacerdócio e com a religião, feitas tanto por Marcondes Filho (2009) quanto por Travancas (2011), como se o ofício atingisse a dimensão do sagrado e o “pré-requisito” fosse a disponibilidade constante e eterna.

Mesmo diante das condições precárias, essa é a atitude dos milhares de brasileiros que ainda trabalham como jornalistas e de tantos outros dispostos a seguir essa carreira no futuro. Segundo Travancas (2011), isso acontece porque *ser jornalista* faz parte da identidade social dessas pessoas; é uma compreensão fundamental da sua própria existência.

Ela [profissão] tem grande importância e espaço em suas trajetórias. Ainda que alguns demonstrem decepção ou pensem em trocar de profissão, a maioria acredita ter um vínculo afetivo com o trabalho e acha difícil sair dele (Travancas, 2011, p. 116).

Nesse sentido, ocorre o deslocamento do trabalho para outra esfera. O jornalismo deixa de ser interpretado sob a ótica racional, laboral, e alcança a grandeza do prazer — algo tratado como condicional para o bom desempenho e a realização profissional (Travancas, 2011). Essa visão é compartilhada por Neveu (2006), ainda que o autor francês atribua uma definição diferente:

Esquecendo suas conotações pejorativas, as imagens da “atualidade como droga” para o “jornalista viciado no acontecimento” não são impróprias para descrever essa dimensão emocional, a descarga de adrenalina que acompanha a exaltação de ter um furo, de estar no camarote para cobrir um momento importante da vida social (Neveu, 2006, p. 37).

Se os jornalistas encaram as más condições laborais, o fazem porque se identificam com o ofício. Ou seja, a escolha por iniciar no jornalismo, mas principalmente por continuar nele, é fundamentada na ideia de “adesão”.

Adesão significaria, portanto, um envolvimento da profissão na vida da pessoa, de tal forma que levaria a uma sujeição de outros aspectos da vida. Ocasionalmente uma *visão de mundo* particular, sem que um sentimento emocional fosse condição essencial. Essa *adesão* envolve uma questão subjetiva da relação do jornalista com o trabalho e que não deve ser compreendida apenas pelo número de horas em que ele se ocupa dela. Há profissões com carga horária de trabalho bem maior. O que está em jogo é os jornalistas estarem vinculados ao trabalho além e independentemente do tempo gasto em exercício. O tempo é apenas uma amostra (Travancas, 2011, p. 81).

Ao contrário da paixão, esse envolvimento não pressupõe a desconsideração dos problemas do jornalismo. Em oposição, permite a adesão dos jornalistas mais críticos; mesmo que o envolvimento não seja da ordem afetiva, eles reconhecem que suas vidas se misturam com a profissão.

3 METODOLOGIA

Além da pesquisa bibliográfica apresentada no capítulo anterior, este trabalho levantou dados obtidos por meio do formulário online “Satisfações e insatisfações com a carreira entre jornalistas formados pela ECA-USP”. O documento foi elaborado a partir de algumas questões retiradas do Perfil do Jornalista Brasileiro, parte delas adaptada para possibilitar uma análise mais contextualizada. Outras questões foram criadas a fim de permitir a obtenção de informações adequadas aos objetivos desta pesquisa.

O formulário foi aplicado por cerca de um mês, entre os dias 4 de abril e 2 maio de 2025, a partir de envios em um grupo de WhatsApp composto por jornalistas da ECA-USP, bem como emails direcionados a cerca de 170 jornalistas formados pela mesma instituição. No segundo caso, os contatos foram obtidos a partir de solicitação feita à secretaria do Departamento de Jornalismo e Editoração. Ao todo, foram coletadas 67 respostas, todas elas validadas.

O questionário é composto por duas seções e um total de 44 perguntas, que variam entre objetivas, objetivas com resposta múltipla, dissertativas e questões de avaliação com base na escala Likert. No caso de questões objetivas com possibilidade de assinalar “Outros (quais)”, as respostas foram avaliadas a fim de serem consideradas variações de um mesmo grupo ou categorias novas. Já no caso das respostas dissertativas, realizou-se análise de sentimentos tendo como ferramenta o Large Language Model (LLM) Chat GPT-4o, com posterior supervisão e adaptação dos resultados pelo autor. Em algumas situações, também foi feita uma análise segmentada a partir da divisão de dois grupos: jornalistas atuantes (42 pessoas) e profissionais que estão fora do jornalismo (25 pessoas). Essa divisão considerou a autodeclaração dos participantes: o primeiro grupo é formado por aqueles que assinalaram “Sou jornalista em exercício da profissão” no formulário; o segundo é formado por pessoas que assinalaram outras alternativas que indicavam mudanças de área. O objetivo da diferenciação foi investigar divergências de avaliação relativas à área em que esses profissionais atuam no momento.

A amostra é constituída exclusivamente por jornalistas recém-formados pela ECA-USP: todos os respondentes se formaram entre os anos de 2016 e 2025. Trata-se de amostra por conveniência, estabelecida para que houvesse mais controle sobre o volume de respostas, bem como a facilidade para contatar os voluntários e a possibilidade de alcançar reflexões mais contemporâneas e focalizadas.

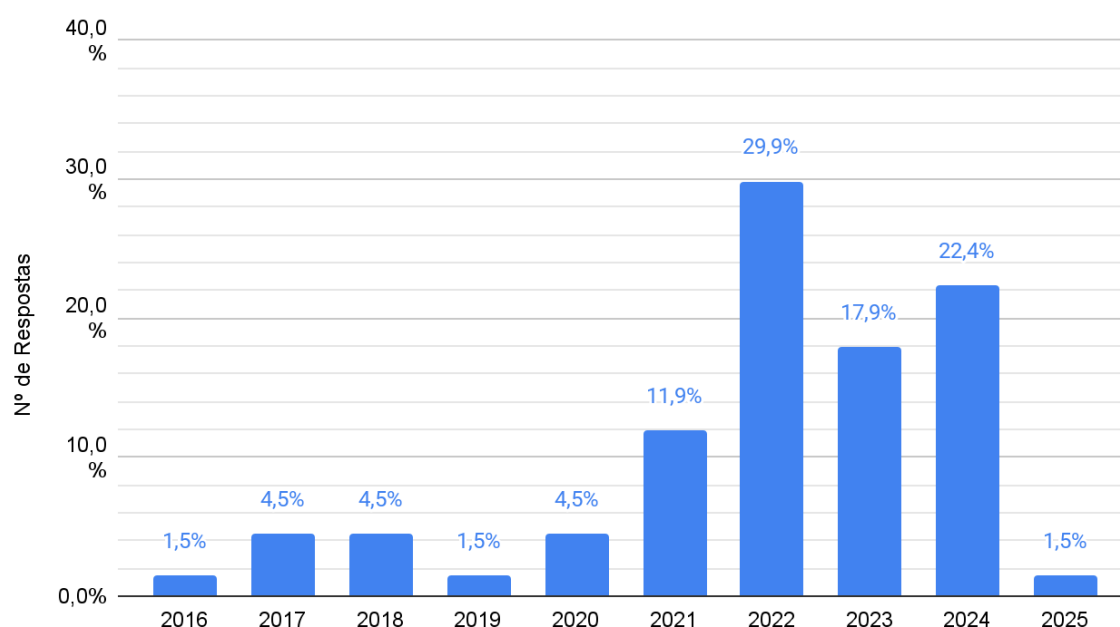
Portanto, é necessário enfatizar que os dados obtidos dizem respeito a um perfil limitado e específico de profissional, não sendo completamente adequados para generalizações que escapem dessa condição. Jornalistas mais velhos, que estão na profissão há mais tempo, ou que se graduaram em instituições com características diferentes da ECA-USP podem fazer observações diferentes sobre a carreira.

4 ANÁLISE DE DADOS

A primeira questão do formulário diz respeito ao ano de conclusão do curso de jornalismo na ECA-USP (Figura 1). Optou-se por iniciar o questionário com essa pergunta para, já no início, invalidar eventuais respostas indesejadas, o que não foi necessário. Do total de 67 participantes, a maioria (29,9%) se formou em 2022. Com 24,4%, 2024 é o segundo ano mais representado, seguido por 2023 com 17,9%. O participante mais antigo é de 2016, o único daquele ano.

Figura 1 – Divisão dos participantes por ano de formação na ECA-USP.

Em que ano você se formou em jornalismo na USP?



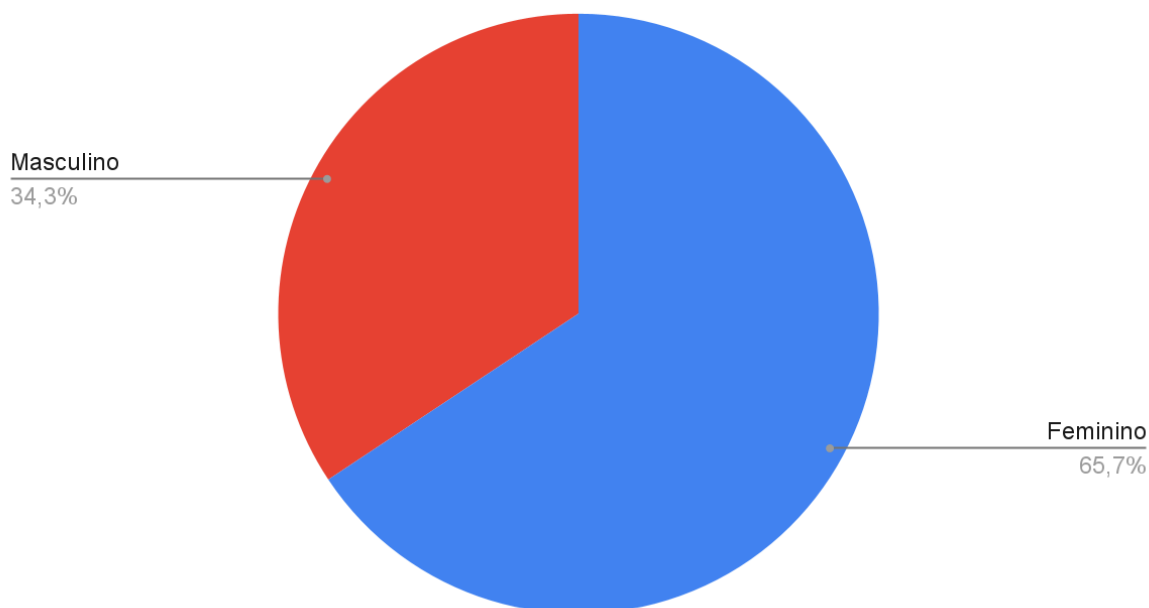
Fonte: O autor.

No que diz respeito ao gênero (Figura 2), a maioria é composta por mulheres (65,7%); os homens representam 34,3% dos jornalistas considerados¹⁵. A prevalência feminina está consoante a feminização da profissão desde os anos 1990 (Figaro, 2014) e os dados obtidos são próximos dos coletados no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (58% de mulheres e 42% de homens).

¹⁵ Nenhum respondente declarou pertencer a outro gênero ou assinalou a opção “Prefiro não responder”.

Figura 2 – Divisão dos participantes por gênero.

Com qual gênero você se identifica?



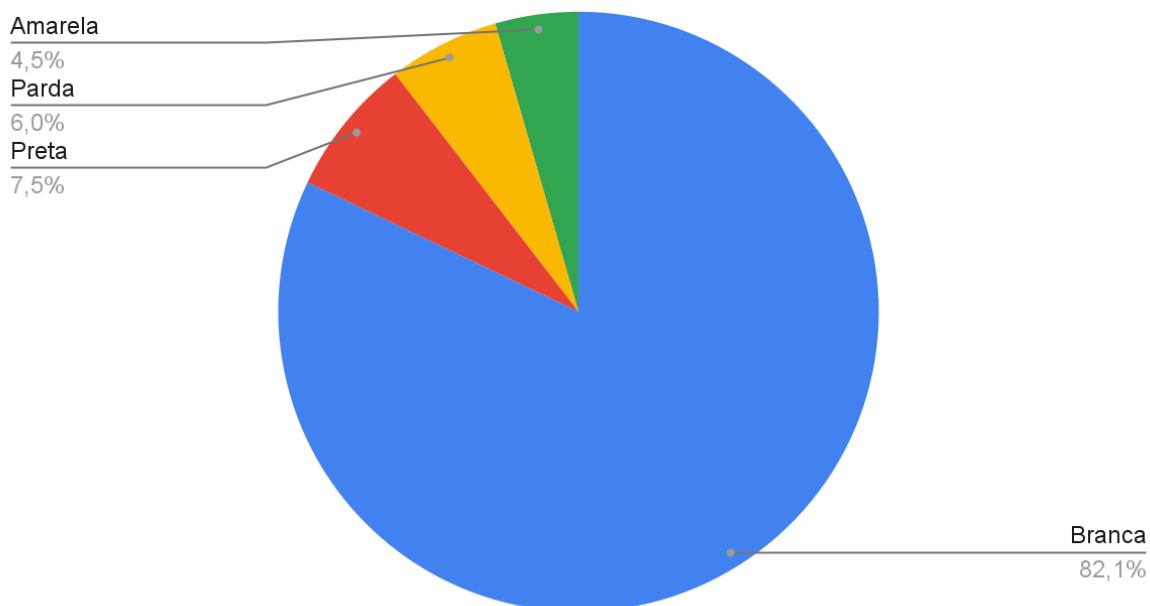
Fonte: O autor.

No quesito cor/raça (Figura 3), os jornalistas formados pela ECA-USP que participaram do formulário são majoritariamente brancos (82,1%). Os autodeclarados pardos são 7,5%; pretos 6% e amarelos 4,5%. Nenhum respondente é indígena. Esse dado ilustra que, apesar da efetividade¹⁶ da Lei de Cotas sancionada em 2012, pretos e pardos ainda são minoria no curso de jornalismo. O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 também identificou uma disparidade de cor/raça, porém menos acentuada, com 68% de brancos, 20% de pardos, 9% de pretos e aproximadamente 1% de amarelos.

¹⁶ Lei de Cotas completa 10 anos e mostra-se efetiva na promoção de diversidade e inclusão; disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/lei-de-cotas-completa-10-anos-e-mostra-se-efetiva-na-promocao-de-diversidade-e-inclusao/>

Figura 3 – Cor/raça dos jornalistas participantes.

Como você define sua cor/raça?

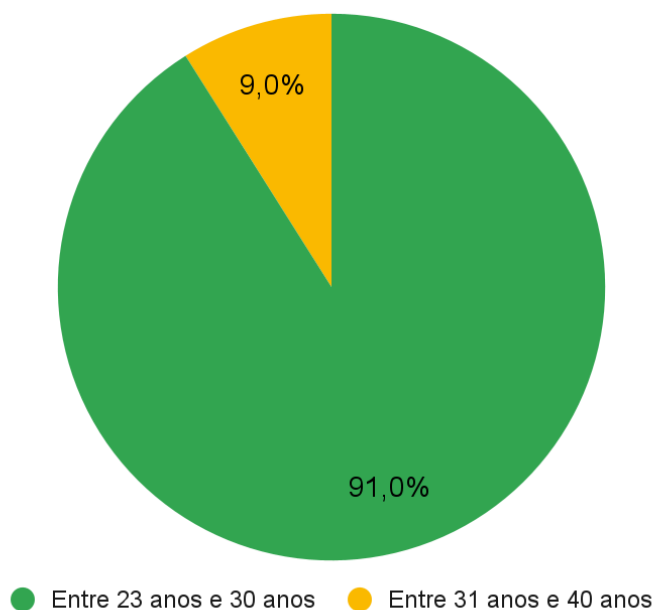


Fonte: O autor.

Como esperado, os jornalistas que colaboraram são majoritariamente jovens: 91% têm entre 23 e 30 anos; 9% têm entre 31 anos e 40 anos. Nenhum voluntário declarou pertencer a outra faixa-etária (Figura 4).

Figura 4 – Participantes por faixa etária.

Você pertence a qual faixa etária?



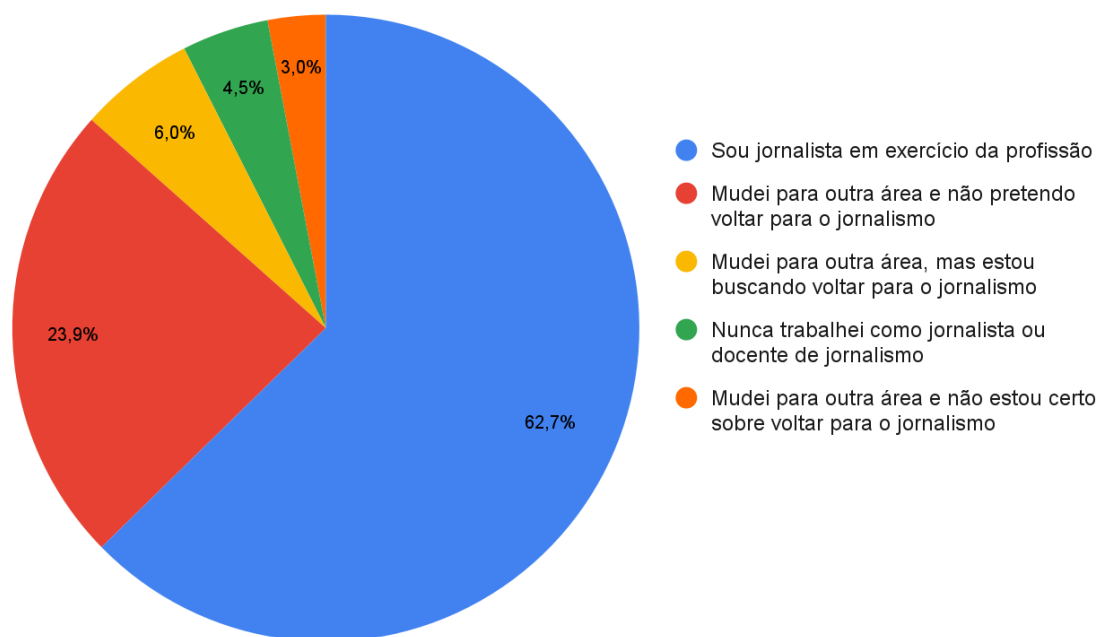
Fonte: O autor.

Já na segunda seção do questionário, buscou-se traçar um panorama da atuação e carreira do grupo. No que tange à situação atual (Figura 5), 62,7% são jornalistas em exercício da profissão; 23,9% mudaram para outra área e não pretendem voltar para o jornalismo; 6% pessoas mudaram de área, mas buscam voltar para o jornalismo. 4,5% dos participantes nunca trabalharam como jornalistas ou docentes de jornalismo; 3% mudaram para outra área e não estão certos quanto a voltar para o jornalismo. Uma análise contextualizada demonstra que quase 4 em cada 10 jornalistas recém-formados pela ECA-USP não trabalham na área¹⁷ e a maior parcela desse grupo não tem interesse em fazê-lo. Essa questão foi utilizada para separar as respostas em dois grupos, o primeiro formado por jornalistas atuantes e o segundo por aqueles que indicaram ter mudado de profissão, o que possibilitou análises comparativas.

¹⁷ No Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, a questão utilizou alternativas diferentes, mas 9,1% escolheram a opção “Mudei para outra área profissional”.

Figura 5 – Situação profissional atual dos participantes.

Em relação ao jornalismo, qual é a sua situação atual?



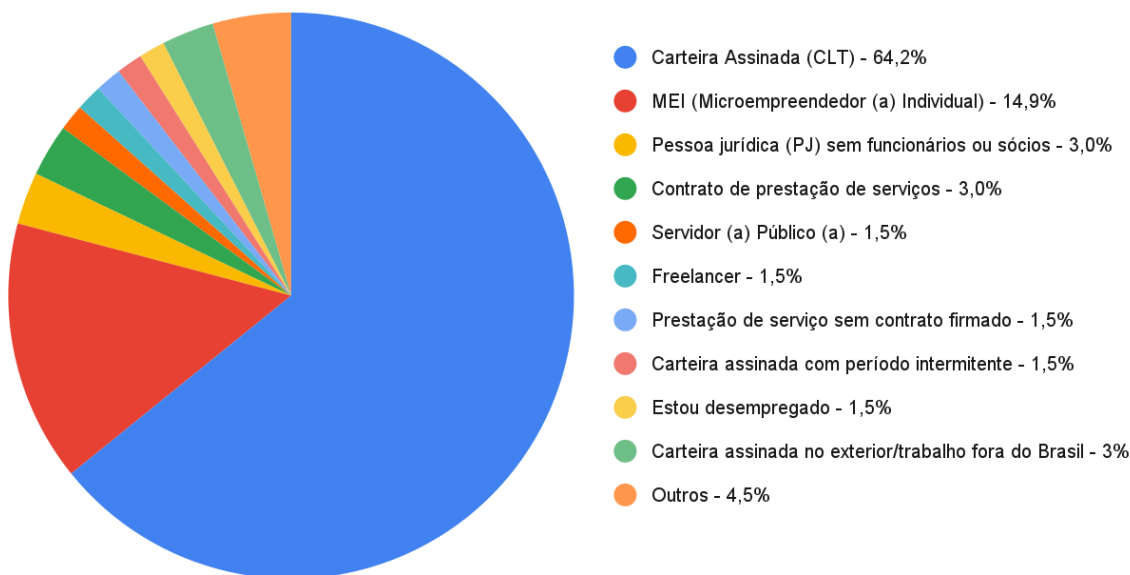
Fonte: O autor.

Em relação ao vínculo empregatício (Figura 6), aqueles com carteira assinada (CLT) representam a maioria (64,2%). Em seguida, aparecem os Microempreendedores Individuais (MEI) com 14,9%, seguidos de Pessoa jurídica (PJ) sem funcionários ou sócios e Contrato de prestação de serviços, ambos grupos representando 3%. Regimes de Servidor (a) Público (a), Freelancer, Prestação de serviço sem contrato firmado, Carteira assinada com período intermitente e desempregados equivalem a 1,5%. Também foi possível identificar 3% dos respondentes com contratos de trabalho fora do Brasil, além de 4,5% de participantes com respostas variadas classificadas como “outros”¹⁸.

¹⁸ Conjunto de menções “Outros” que não configuram uma nova categoria: “sou cadastrado como sócio da empresa (um de muitos) com uma cota mínima e em tese recebo dividendos, que na prática nada mais são que um salário combinado diretamente com o administrativo (mesmo valor todo mês)”; “Tenho um emprego CLT mas também trabalho PJ para completar a renda, que fica 50/50 nos dois modelos”; “Estagiário (em outra área)”.

Figura 6 – Vínculo empregatício.

Qual o tipo de vínculo empregatício no seu trabalho principal?



Fonte: O autor.

No Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, os dados também indicam prevalência da CLT, com cerca de 46% das respostas. 10,5% são servidores públicos e cerca de 9% MEI. Os freelancers são 6%.

Na sequência, com uma questão dissertativa, o formulário buscou entender como os profissionais avaliam o próprio regime de trabalho. A análise de sentimentos feita no GPT-4o permite inferir que o vínculo CLT está majoritariamente associado a comentários positivos, com ênfase na garantia de direitos trabalhistas e na estabilidade. São exemplos:

Sim, ter o vínculo CLT me oferece conforto no presente e segurança em relação ao futuro, principalmente por ter um FGTS, direito a férias e um bom plano de saúde (Resposta extraída do formulário).

Sim, gosto dos benefícios e dos amparos legais que eu tenho em caso de demissão, por exemplo (Resposta extraída do formulário).

Já os regimes de PJ e MEI estão majoritariamente associados aos comentários negativos, que ressaltam uma sensação de injustiça e instabilidade¹⁹, como, por exemplo:

¹⁹ Comentários representativos: “Sim, porque não tenho direitos sendo MEI mas sou tratada como CLT, com horários fixos e tudo mais.”; “Sim. Não ter a segurança de que, algo dê errado, há pouco a se fazer, é preocupante. Também não ter benefícios de CLT dificulta essa sensação.”

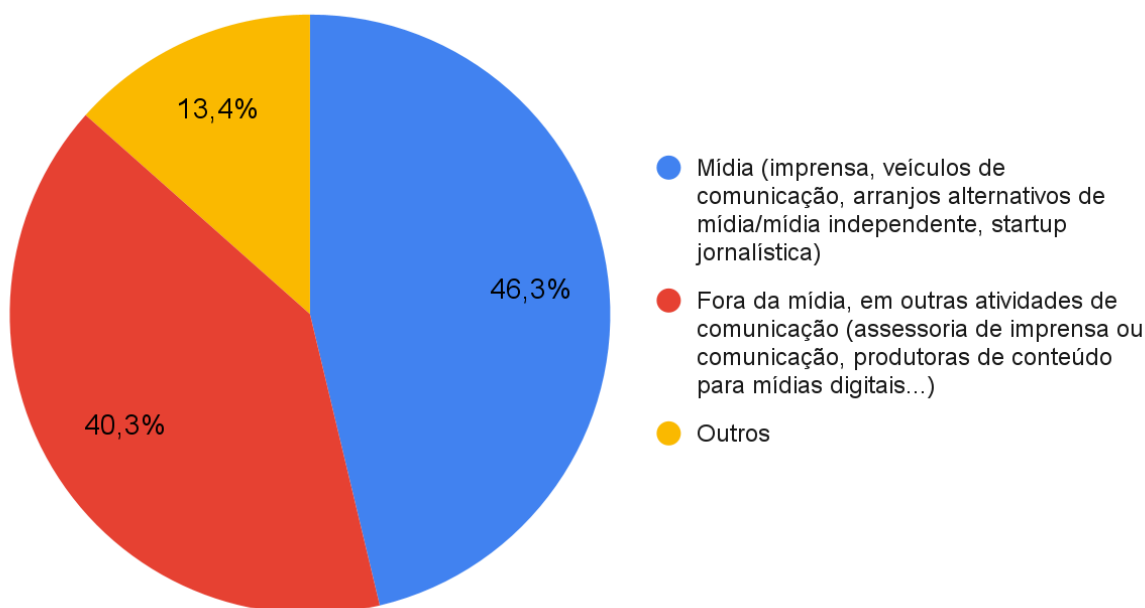
Sim, porque não tenho direitos sendo MEI mas sou tratada como CLT, com horários fixos e tudo mais (Resposta extraída do formulário).

Sim. Não ter a segurança de que, algo dê errado, há pouco a se fazer, é preocupante. Também não ter benefícios de CLT dificulta essa sensação (Resposta extraída do formulário).

Sobre a área de atuação (Figura 7), 46,3% dos respondentes estão na mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística) e 40,3% estão fora da mídia, mas em outras atividades de comunicação (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais...)²⁰. Neste caso, a opção “Outros” (13,4%) inclui respostas como economia, advocacia, editoração, mercado financeiro e precificação de commodities.

Figura 7 – Área de atuação.

Em sua ocupação principal, qual é sua área de atuação?



Fonte: O autor.

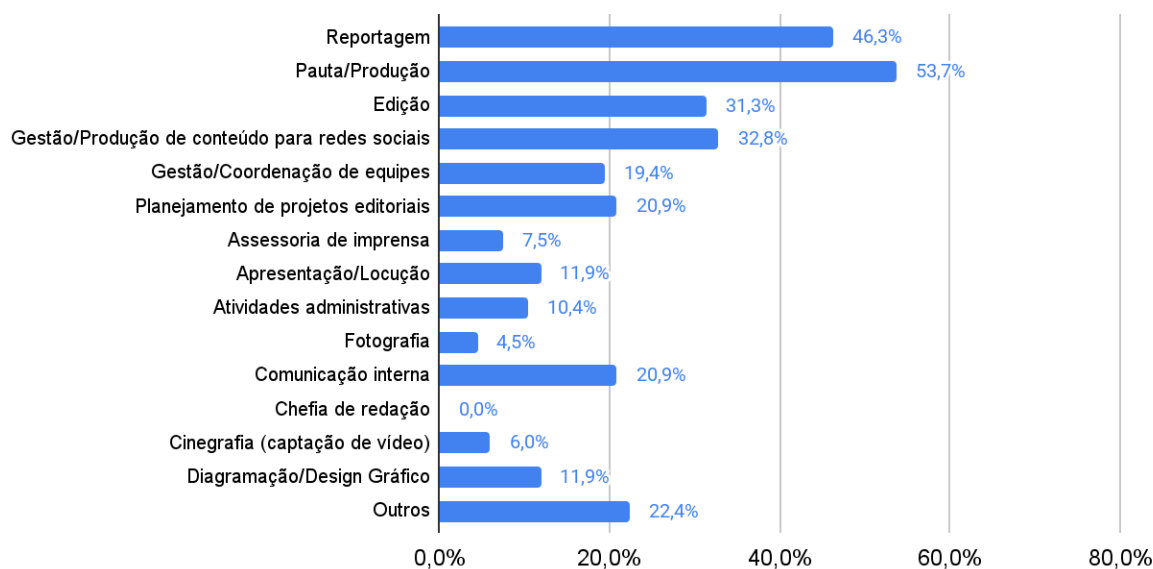
Em um dia normal de trabalho (Figura 8), as atividades que os profissionais mais desenvolvem são “Pauta/Produção” (53,7%); “Reportagem” (46,3%); “Gestão/Produção de conteúdo” (32,8%) e “Edição” (31,3%). Outras atividades representativas incluem “Planejamento de projetos editoriais” (20,9%), “Comunicação interna” (20,9), “Gestão/Coordenação de equipes” (19,4%), “Apresentação/locução” e “Diagramação/Design

²⁰ No Perfil do Jornalista Brasileiro, esses números são, respectivamente, 57,7% e 34,9%.

gráfico” (ambas com 11,9%)²¹. A categoria “Outros”²² totaliza 22,4%. Já no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, as atividades predominantes são “Reportagem” (68%), “Pauta/Produção” (64,7%) e “Edição” (57,3).

Figura 8 – Atividades realizadas no trabalho.

Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?



Fonte: O autor.

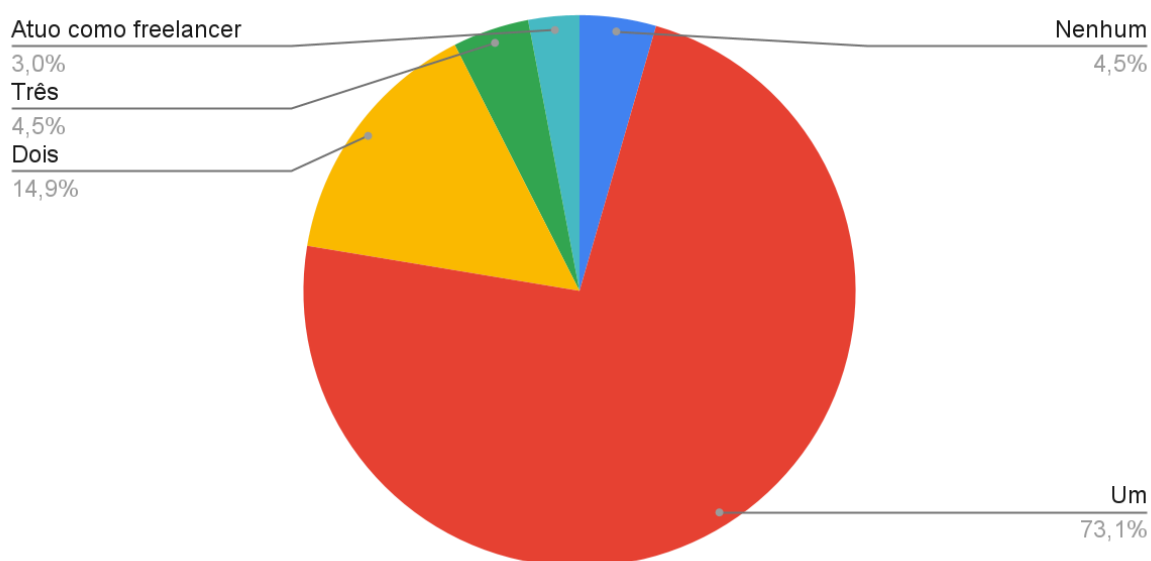
Sobre a quantidade de fontes de renda (Figura 9), 73,1% dos jornalistas formados pela ECA-USP possuem uma única. Os que possuem duas fontes de renda são 14,9%; três são 4,5% — mesmo número de quem afirmou não possuir nenhuma fonte de renda. Por fim, 3% atuam como freelancers. Ninguém afirmou possuir quatro ou mais empregos. No Perfil do Jornalista Brasileiro, os dados são os seguintes: uma fonte de renda – 52,7%; duas fontes de renda – 28,6%; três fontes de renda – 7,8%; nenhuma fonte de renda – 5,1%; freelancers – 3%; quatro ou mais fontes de renda – 2,4%.

²¹ Nessa questão, os respondentes puderam assinalar mais de uma resposta.

²² Foram obtidas respostas como Redator; Pesquisa econômica, projeção de indicadores, redação de relatórios econômicos; Entrevista; Análise de dados; Atendimento ao cliente em agência de marketing digital; Planejamento publicitário

Figura 9 – Fontes de renda.

Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

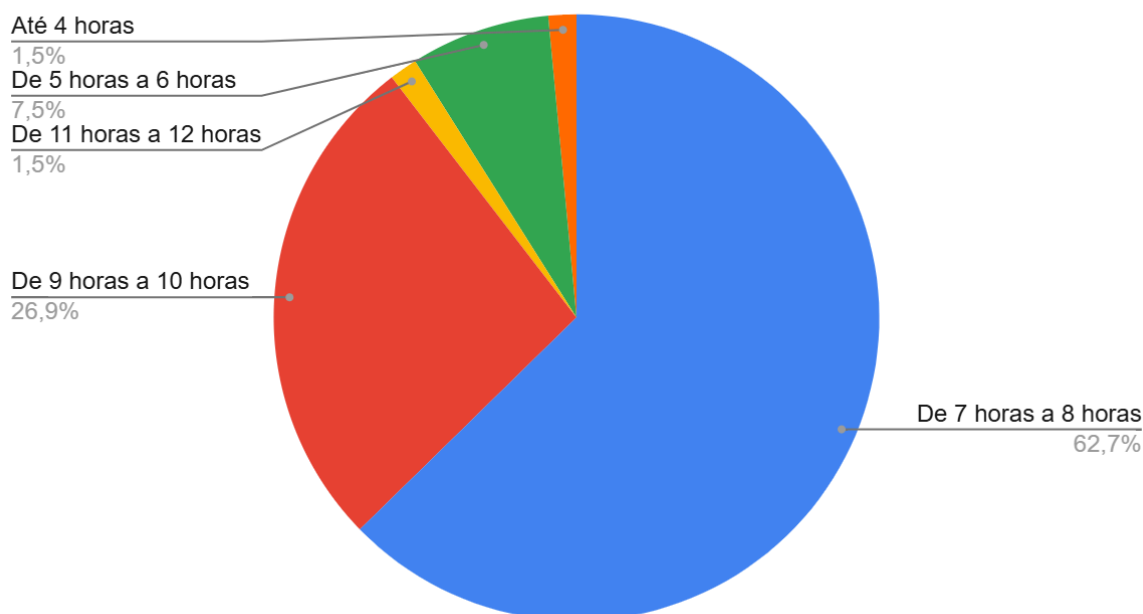


Fonte: O autor.

Em relação à média de horas trabalhadas por dia (Figura 10), o formulário indica que 62,7% trabalham de 7 a 8 horas; 26,9% trabalham de 9 a 10; 7,5% trabalham de 5 a 6 horas e 1,5% de 11 a 12 horas.

Figura 10 – Carga horária.

Em média, quantas horas você trabalha por dia?



Fonte: O autor.

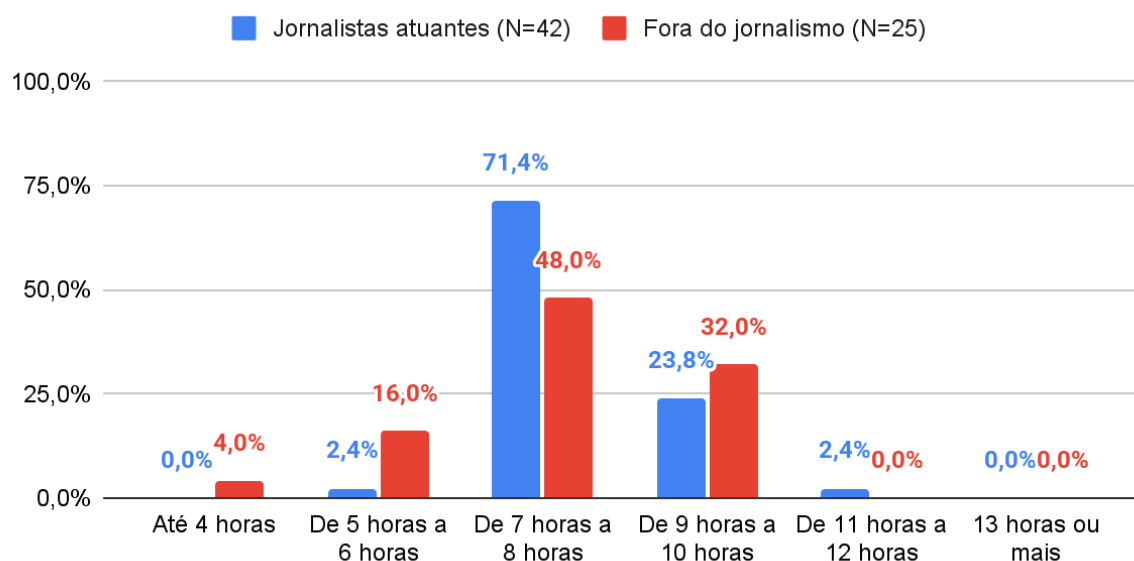
Esses valores demonstram que, embora o horário especial estabeleça cinco horas de trabalho diário, na prática, poucas pessoas atuam sob essas condições. Como citado anteriormente, uma conclusão semelhante foi obtida no Perfil do Jornalista Brasileiro, com 37,1% de pessoas que trabalham entre 7 e 8 horas, 29,6% entre 9 e 10 horas e 9,4% entre 11 e 12 horas.

Considerando que a amostra inclui uma parcela significativa de respondentes que não trabalha como jornalista, uma nova avaliação foi feita a partir da separação de dois grupos: jornalistas atuantes e fora do jornalismo. Os dados obtidos nessa segunda etapa (Figura 11) indicam que, entre os jornalistas atuantes, 2,38% trabalham de 5 horas a 6 horas; 71,42% trabalham de 7 horas a 8 horas; 23,8% trabalham de 9 horas a 10 horas; 2,38% trabalham de 11 horas a 12 horas; ninguém trabalha menos de 4 horas ou 13 horas ou mais. Já entre as pessoas fora do jornalismo, 4% trabalham até 4 horas; 16% trabalham de 5 a 6 horas; 48% trabalham de 7 a 8 horas; 32% trabalham de 9 a 10 horas; ninguém trabalha 13 horas ou mais.

Figura 11 – Carga horária (análise segmentada).

Em média, quantas horas você trabalha por dia?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo

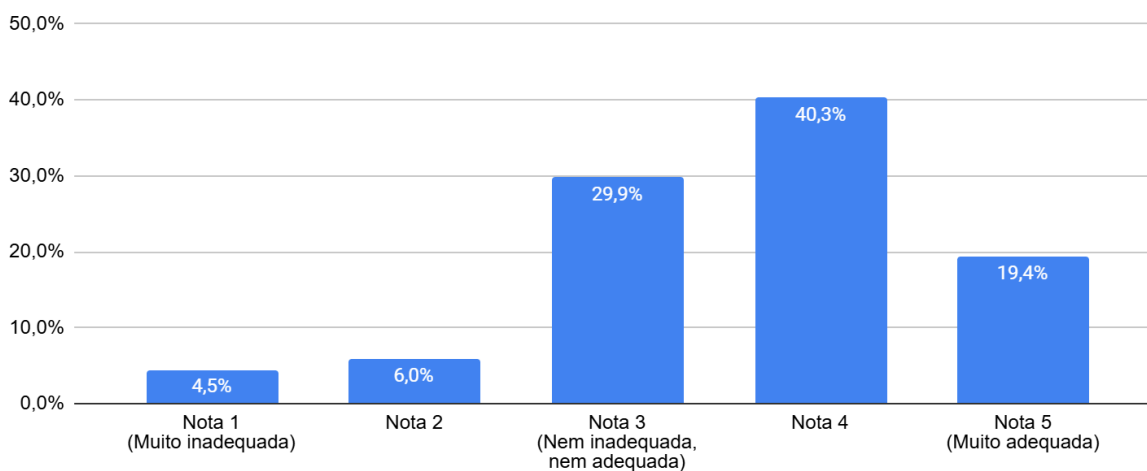


Fonte: O autor.

Na sequência, o formulário pediu que os participantes qualificassem a carga horária utilizando notas de 1 a 5, sendo um a nota mais negativa e 5 a mais positiva (Figura 12). O total de avaliações como adequada foi de 59,7% (com a nota 4 escolhida por 40,3% e a nota 5 por 19,4%). A avaliação neutra (nota 3) totalizou 29,9%. Já as avaliadas como inadequadas são 10,5% (representadas por 4,5% de notas 1 e 6% de notas 2). A análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo não revelou diferenças substanciais.

Figura 12 – Adequação da carga horária.

De 1 a 5, quão adequada você considera sua carga horária (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

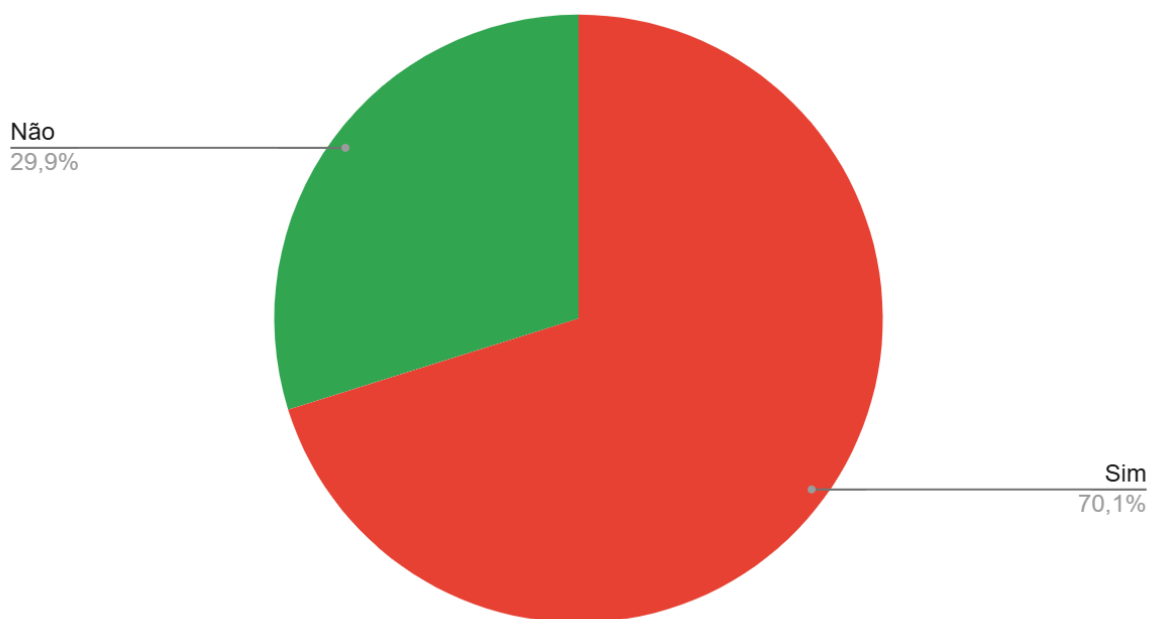


Fonte: O autor.

A pesquisa também investiga, ainda que superficialmente, as condições de saúde mental (Figura 13). 70,1% declararam se sentir estressados no trabalho, ante 29,9% que afirmaram que não. Já a análise comparada dos grupos revelou que os jornalistas atuantes se sentem mais estressados (78%) no trabalho do que os que mudaram de área (56%) (Figura 14).

Figura 13 – Estresse no trabalho.

Você se sente estressado (a) no trabalho?

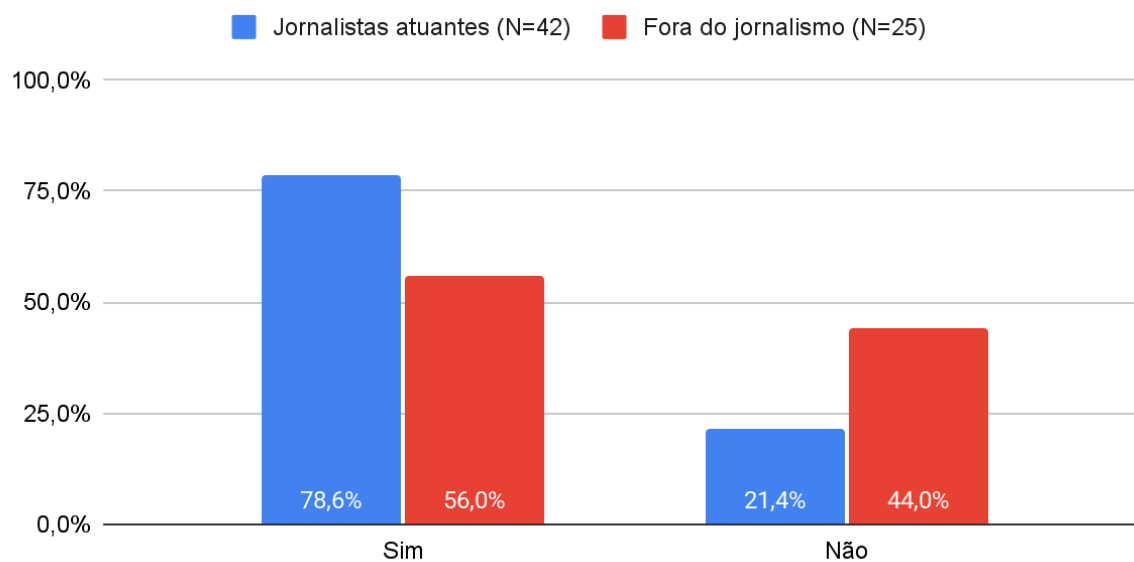


Fonte: O autor

Figura 14 – Estresse entre jornalistas e não jornalistas.

Você se sente estressado (a) no trabalho?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo



Fonte: O autor.

Em seguida, os respondentes foram convidados a comentar a resposta anterior. A análise de sentimentos revela uma predominância absoluta de comentários negativos com ênfase em noções de esgotamento, burnout, sobrecarga e frustração.

Me sinto muito ansiosa no trabalho quando tenho que fazer várias pautas complexas ao mesmo tempo. A reportagem é um trabalho que amo, mas é exaustivo mentalmente. [...] Estou praticamente sozinha fazendo um trabalho que tenho certeza que deveria ser diluído em ao menos 3 pessoas (Resposta extraída do formulário).

A cada ano na profissão, sinto uma piora gradual na nossa rotina, com uma cobrança maior nas entregas, sem que o salário acompanhe (e sem um plano de carreira, pra pelo menos indicar que, em algum momento, ganharemos mais) (Resposta extraída do formulário).

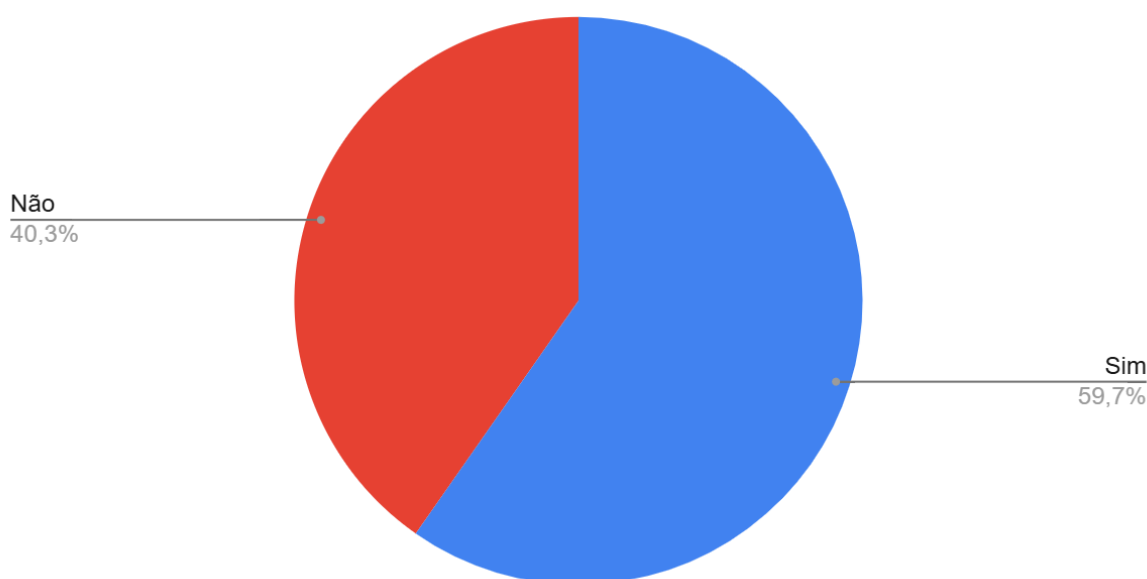
Embora menos representativos, alguns comentários caracterizados como neutros enfatizam o estresse como uma condição inerente ao trabalho, independentemente da categoria. Nesse caso, as respostas ilustram os aspectos de precarização do trabalho contemporâneo discutidos no capítulo anterior.

Apesar de ter uma carga horária adequada, acredito que a forma como o trabalho se organiza no Brasil hoje é estressante para todos (Resposta extraída do formulário).

A questão seguinte avaliou se os respondentes sentem que seus esforços são devidamente reconhecidos (Figura 15). 59,7% afirmaram que sim, contra 40,3% de respostas negativas. O Perfil do Jornalista Brasileiro desenha uma situação relativamente invertida, com 44,2% de respostas afirmativas e 55,8% negativas.

Figura 15 – Avaliação sobre o reconhecimento dos esforços.

Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?



Fonte: O autor.

Em uma pergunta dissertativa sobre ameaças e ataques decorrentes do trabalho, os voluntários indicaram que não costumam lidar muito com esse tipo de situação, embora algumas respostas tenham indicado casos de assédio moral ou comentários ofensivos nas redes sociais após a publicação de determinada reportagem, além de situações de questionamentos vindo de fontes e entrevistados. Dois exemplos são:

Fiz uma reportagem sobre a demora do início da vacinação contra a doença no Brasil e ela caiu em um grupo bolsonarista. Recebi inúmeras ofensas em minhas redes sociais privadas (Resposta extraída do formulário).

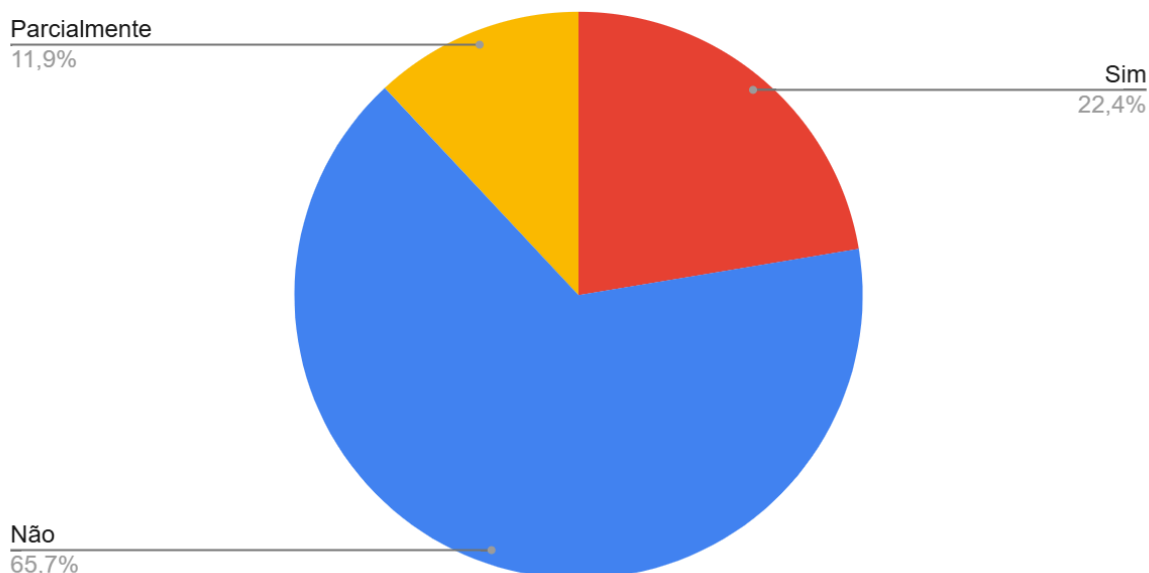
Muitas vezes, principalmente diante da insatisfação de fontes com matérias publicadas, seja algum título que na opinião delas não foi justo (pois não existe a compreensão de que temos poucos caracteres), seja porque o assunto não repercutiu bem para a pessoa. O que me deixa mais insatisfeita é que, em todos os lugares que trabalhei, temos que usar o nosso próprio telefone. Isso fez com que algumas fontes tentassem me perseguir no meu número pessoal (e se decidissem vazá-lo, por exemplo, o prejuízo seria todo meu, moral e financeiro) (Resposta extraída do formulário).

Essa questão leva à seguinte: “Seu trabalho já foi influenciado pelo medo de sofrer algum tipo de retaliação?” (Figura 16), em que 65,7% afirmam que não; 22,4% afirmam que sim; e 11,9% afirmam que parcialmente. No Perfil do Jornalista Brasileiro, o número de

respostas negativas é equivalente; os que afirmam que “sim” representam 35% e não há a opção intermediária.

Figura 16 – Medo de retaliação como influência no trabalho.

Seu trabalho já foi influenciado pelo medo de sofrer algum tipo de retaliação?



Fonte: O autor.

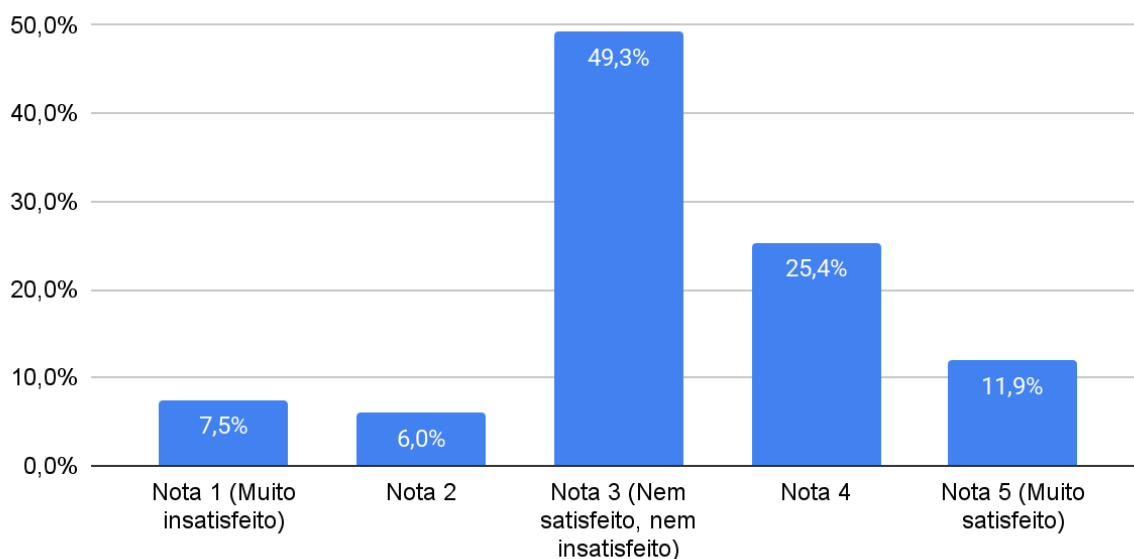
No espaço para justificar, os comentários foram semelhantes ao da questão anterior, indicando que ameaças de processo e medo da perseguição na internet geram uma situação desconfortável para as próximas coberturas, apesar de, no geral, avaliarem que a atuação profissional não foi estritamente impactada.

As reflexões sobre o tempo voltam com uma questão sobre a adequação da rotina (Figura 17). Há predomínio de avaliações neutras (48,3%). Em sequência, aparecem as notas 4 (25,4%) e 5 (11,9%), totalizando 37,3% de pessoas satisfeitas com a carga horária. Com 7,5% de notas 1 e 6% de notas 2, os insatisfeitos representam 13,5%²³.

²³ Os números divergem do Perfil do Jornalista Brasileiro, em que há prevalência de satisfeitos (34,4%) seguida pelos nem satisfeito, nem insatisfeito (26,1%) e insatisfeito (22,6%).

Figura 17 – Satisfação com a intensidade da rotina.

De 1 a 5, quão satisfeito (a) você está com a intensidade da sua rotina (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?



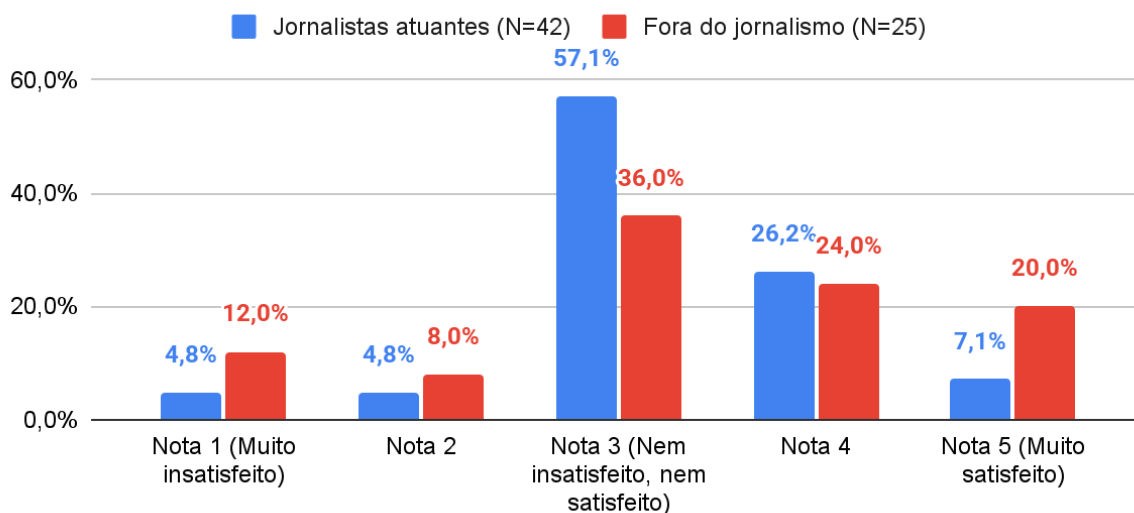
Fonte: O autor.

Na análise comparativa (Figura 18), é possível observar que as impressões negativas são maiores entre os que estão fora do jornalismo (20% ante aproximadamente 9% entre os jornalistas atuantes). Entretanto, os jornalistas atuantes representam um número menor de satisfação (33,4% contra 44% dos fora do jornalismo).

Figura 18 – Satisfação com a intensidade da rotina (segmentada).

De 1 a 5, quão satisfeito (a) você está com a intensidade da sua rotina (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo



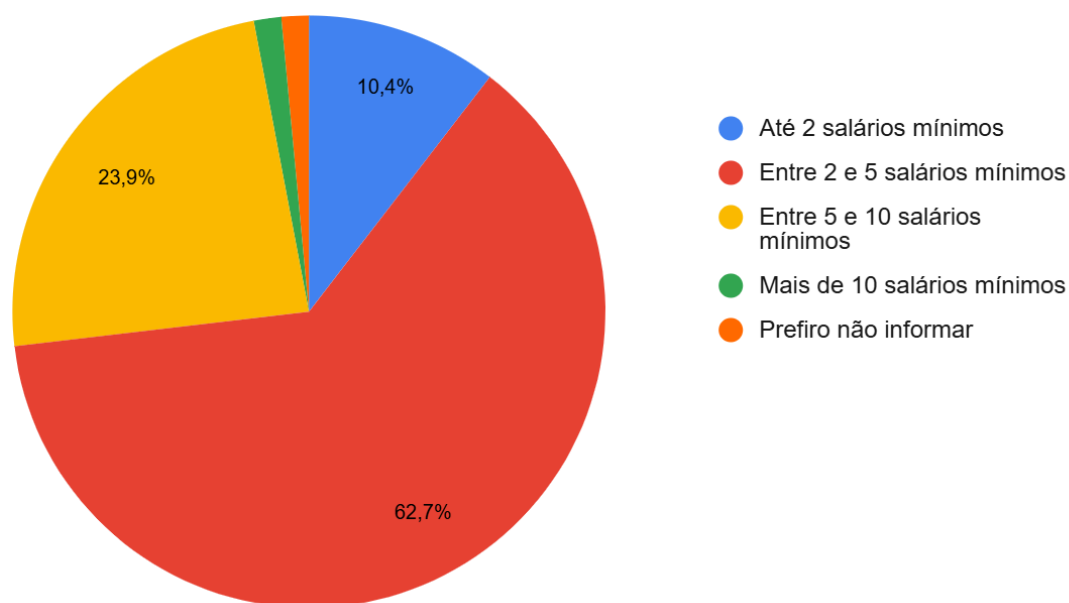
Fonte: O autor.

No quesito remuneração (Figura 19), a faixa entre dois e cinco salários mínimos (equivalente à cerca de R\$ 3.036,00 e R\$ 7.590,00, seguindo a cotação do salário mínimo em R\$ 1.518,00) corresponde a 63,6%. São 24,2% os que ganham entre cinco e dez salários mínimos (de R\$ 7.590,00 a R\$ 15.180,00). 10,6% ganham menos de dois salários mínimos e apenas uma pessoa afirmou ganhar mais de 10 salários mínimos. A análise comparativa indica que, no geral, os que ainda trabalham com jornalismo ganham menos (Figura 20). Apesar de mais pessoas fora do jornalismo aparecerem na faixa de até 2 salários mínimos (12% ante 9,5%), 28% desse grupo está na faixa entre 5 e 20 salários mínimos (ante 21,4% de jornalistas atuantes) e 4% ganham mais de 10 salários mínimos (o que não acontece com nenhum jornalista atuante)²⁴.

²⁴ No Perfil do Jornalista Brasileiro, as métricas utilizadas foram diferentes. No entanto, é possível constatar a prevalência daqueles que tem renda bruta de R\$ 5.501 a R\$ 11.000 (27,1%), seguindo pela renda de e R\$ 4.401 a R\$ 5.500 (15,6%); R\$ 2.201 a R\$ 3.300 (13,5%); R\$ 3.301 a R\$ 4.400 (13,1%); R\$ 1.101 a R\$ 2.200 (11,4%) e menos de R\$ 1100 (4,6%). Ao todo, 9,8% afirmam receber e R\$ 11.001 a R\$ 22.000; São 2,2% os que têm salários acima de R\$ 22.001.

Figura 19 – Remuneração.

Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho? Valor do salário mínimo: R\$ 1.518,00

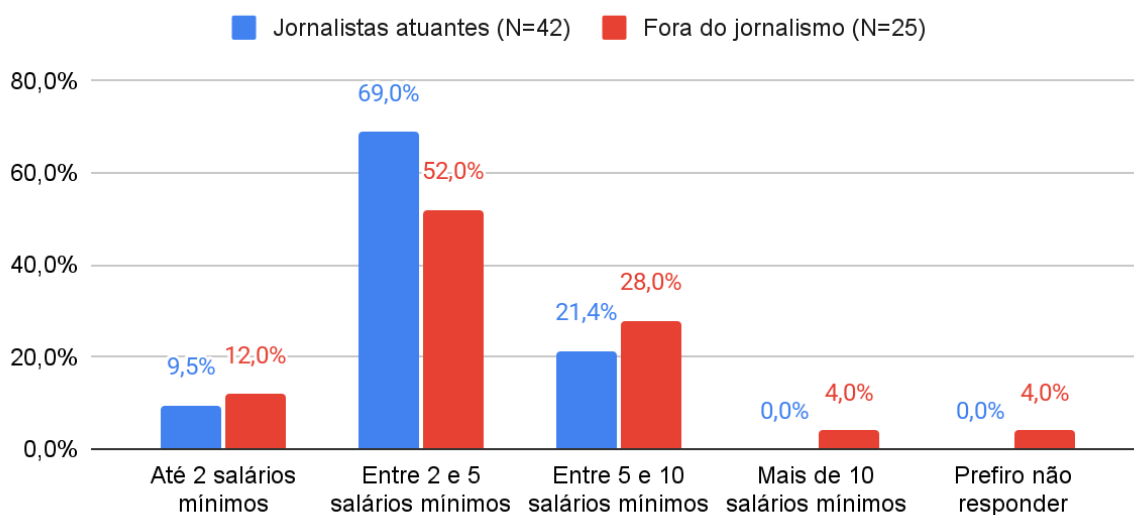


Fonte: O autor.

Figura 20 – Remuneração (segmentada).

Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho? Valor do salário mínimo: R\$ 1.518,00

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo

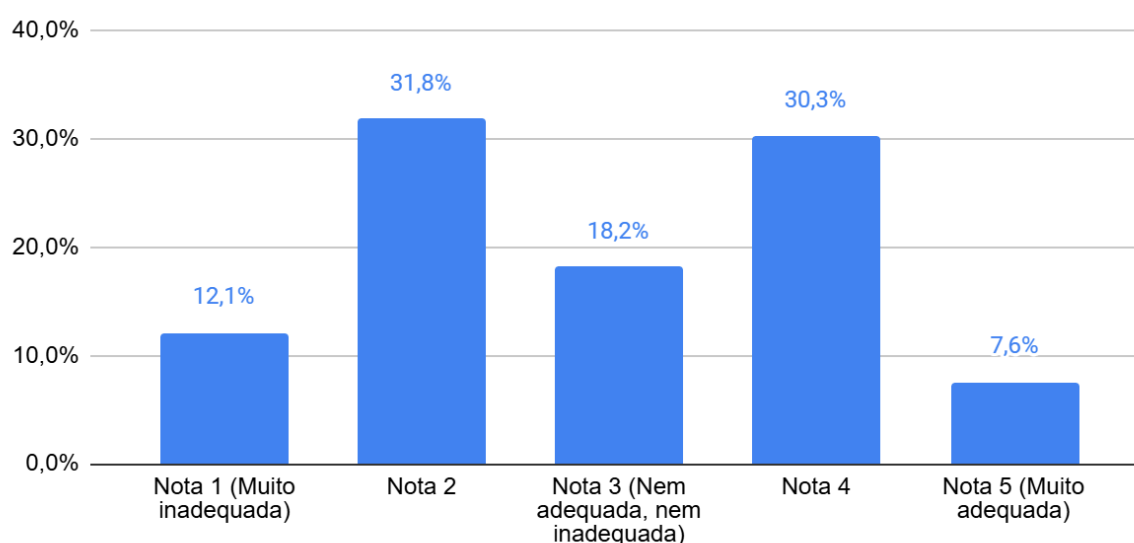


Fonte: O autor.

A avaliação dos respondentes sobre a remuneração (Figura 21) indicam um cenário de insatisfação (43,9%, formados por 12,1% de notas 1 e 38,1% de notas 2). Aqueles que avaliam a remuneração como nem adequada, nem inadequada (nota 3) são 18,2%. Já as respostas positivas incluem 30,3% de notas 4 e 7,6% de notas 5, totalizando 37,9%.

Figura 21 – Avaliação da remuneração.

Quão adequada você avalia a sua remuneração considerando as atividades que você exerce (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?



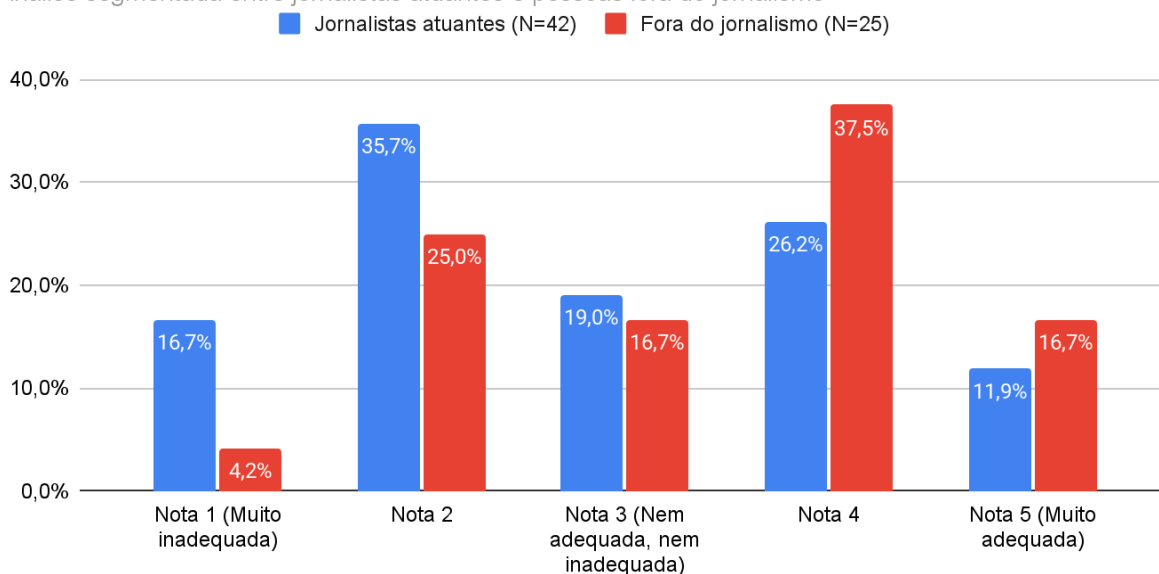
Fonte: O autor.

Na análise segmentada, os dados indicam uma inversão (Figura 22). Entre as pessoas fora do jornalismo, as avaliações negativas são de 29,2% (notas 1 representam 4,2% e notas 2 são 25%), enquanto para os jornalistas atuantes são de 52,4% (notas 1 representam 16,7% e notas 2 35,7%). Por outro lado, as positivas (soma das notas 4 e 5) são de 52% entre os fora do jornalismo e 28% entre os atuantes.

Figura 22 – Avaliação da remuneração (análise segmentada).

Quão adequada você avalia a sua remuneração considerando as atividades que você exerce (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo



Fonte: O autor.

Em uma nova questão aberta, os respondentes foram convidados a explicar quais eram suas expectativas quando escolheram a faculdade de jornalismo. A análise revela que muitos entraram na ECA-USP com expectativas de transformar a sociedade, escrever com profundidade, ou ter estabilidade e reconhecimento profissional.

Achava que ia mudar o mundo trabalhando com cultura ou jornalismo social (Resposta extraída do formulário).

Fazer o que eu gosto, compartilhar informações e informar pessoas (Resposta extraída do formulário).

Outras respostas versavam mais sobre a área de atuação, com desejos como o jornalismo esportivo e o cultural. Por outro lado, também foi revelada uma certa desilusão com a realidade do mercado de trabalho e do ofício.

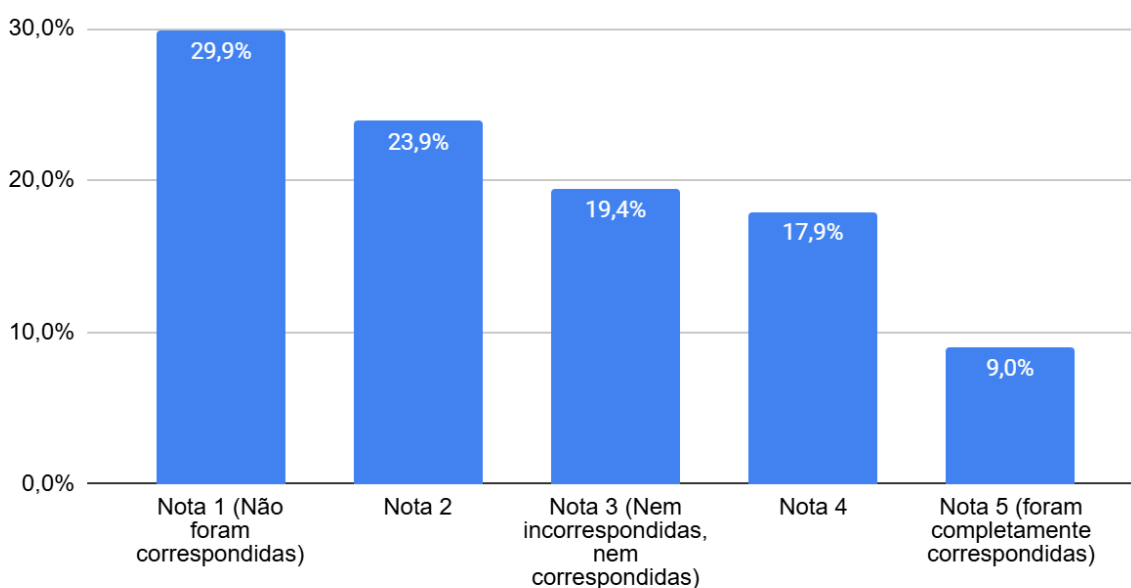
Não achei que fosse ficar rica, mas achei que poderia ser melhor remunerada sem jornadas longas de trabalho (Resposta extraída do formulário).

Não tinha muitas. Assim que ingressei no curso, tive contato com a realidade do mercado e me vi forçada a abandonar alguns valores pessoais em prol de estar empregada e ter renda (Resposta extraída do formulário).

Houve prevalência de impressões negativas sobre a correspondência dessas expectativas (Figura 23). 29,9% afirmam que não foram correspondidas (nota 1) e 23,9% afirmam que foram pouco correspondidas (nota 2), totalizando 53,8% de respostas negativas. Aqueles que se posicionaram como neutros (nota 3) são 19,4%. As expectativas foram parcialmente correspondidas (nota 4) para 17,9% e foram completamente correspondidas (nota 5) para 9%, totalizando 28,9% de avaliações positivas.

Figura 23 – Correspondência das expectativas.

De 1 a 5, quanto você considera que essas expectativas foram correspondidas (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?



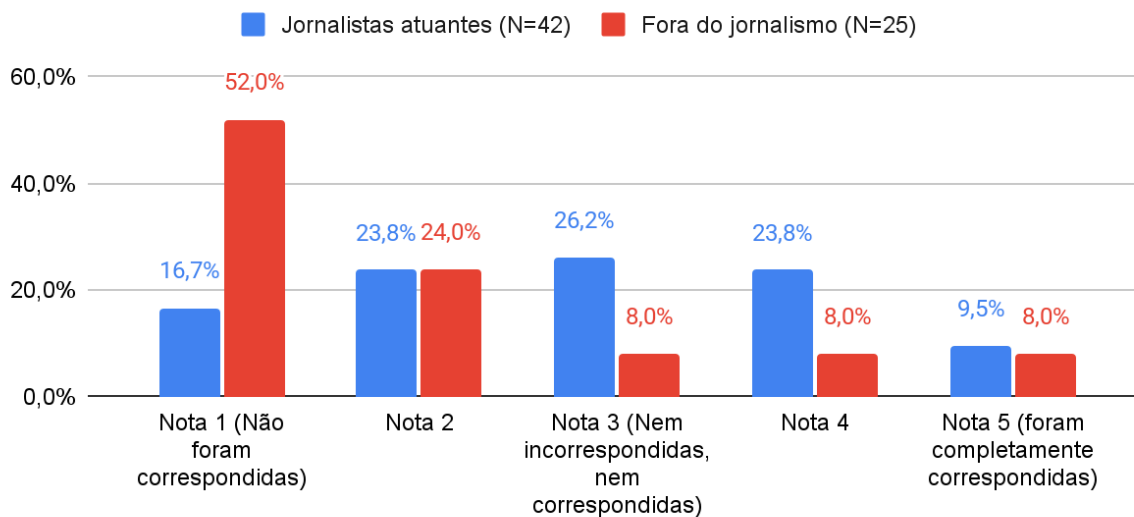
Fonte: O autor.

Como era esperado, a análise comparada revela que as classificações negativas são maiores entre os que saíram do jornalismo (76%) do que entre os jornalistas atuantes (40%), embora represente uma parcela expressiva em ambos os grupos (Figura 24). Entre as pessoas fora do jornalismo, foram 8% de classificações neutras e 25% positivas. Esses valores são, respectivamente, de 26,29% e 33,33% entre os atuantes.

Figura 24 – Correspondência das expectativas (análise segmentada).

De 1 a 5, quanto você considera que essas expectativas foram correspondidas (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo



Fonte: O autor.

Novamente, a análise dos comentários identifica predominância de sentimentos negativos, associado a frustração com os salários, com o mercado de trabalho e com a faculdade.

Os processos seletivos não são transparentes, os colegas de profissão são mais arrogantes que a média da população, o conteúdo desenvolvido nas redações é pouco crítico e os professores não dão feedbacks, apenas notas (em geral notas máximas para todos, para justificarem a falta de retorno com acompanhamento e oportunidades de melhoria) (Resposta extraída do formulário).

A sociedade mudou com a ampliação da oferta de Internet e de conteúdos online. Esta sociedade se tornou inalcançável para o jornalismo, que passou a viver como apenas mais um gerador de "conteúdo". Não me desiludi primariamente com o jornalismo, mas com a sociedade. Mas o jornalismo retroalimenta parte dos problemas dos quais reclama, com apurações mal feitas, aceleração de carreiras, manchetes bombásticas e com produção de material cada vez mais opinativo e menos objetivo (Resposta extraída do formulário).

Não foram correspondidas porque é difícil ganhar dinheiro com jornalismo cultural ou social. Acabei indo para a área econômica/financeira (Resposta extraída do formulário).

O jornalismo é uma profissão encantadora e apaixonante. Isso é o que me fez não responder 1 na pergunta anterior. Ao mesmo tempo, conforme envelhecemos, isso acaba tendo seu custo. Não dá para viver de amor. As minhas expectativas quanto às emoções que o jornalismo e sua função social despertam foram e continuam sendo correspondidas, mas o resto não (Resposta extraída do formulário).

Em termos financeiros, por mais que não seja minha prioridade atualmente, sei que o reconhecimento não acompanha. Outro ponto decepcionante é o estabelecimento de um plano de carreira, algo que parece ser difícil de existir em qualquer redação (Resposta extraída do formulário).

Pelas redações estarem minúsculas, você nunca tem tempo de escrever sobre o que é relevante ou sobre o que você julga que é relevante. Tudo tem que ser feito muito rápido e em muita quantidade. No final é bem frustrante e cansativo (Resposta extraída do formulário).

Embora a prevalência de comentários positivos seja baixa, eles existem e revelam o interesse pela profissão, mesmo diante dos cenários expressos anteriormente.

Para ser sincera, ganho mais do que achei que ganharia em um primeiro emprego CLT –acho que os comentários constantes jogaram minhas expectativas lá embaixo. Sobre a carga horária, é maior do que eu imaginava, mas sinto que não estou em desvantagem em relação a outros colegas no jornalismo. Quanto à função em si, a coisa é menos glamourosa do que eu imaginava, mas há muito o que fazer (Resposta extraída do formulário).

Foram correspondidas, em geral. Desenvolvi interesse por outras áreas ao longo da trajetória profissional por interesse pessoal e pela realidade de trabalho nas redações (Resposta extraída do formulário).

Em relação ao meu ofício em si, acho que posso dizer que minhas expectativas foram superadas. Faço um jornalismo mais relevante do que imaginava que faria e já tive reconhecimentos bem significativos. Mas tenho certo incômodo com uma estagnação salarial que é preocupante no médio prazo (Resposta extraída do formulário).

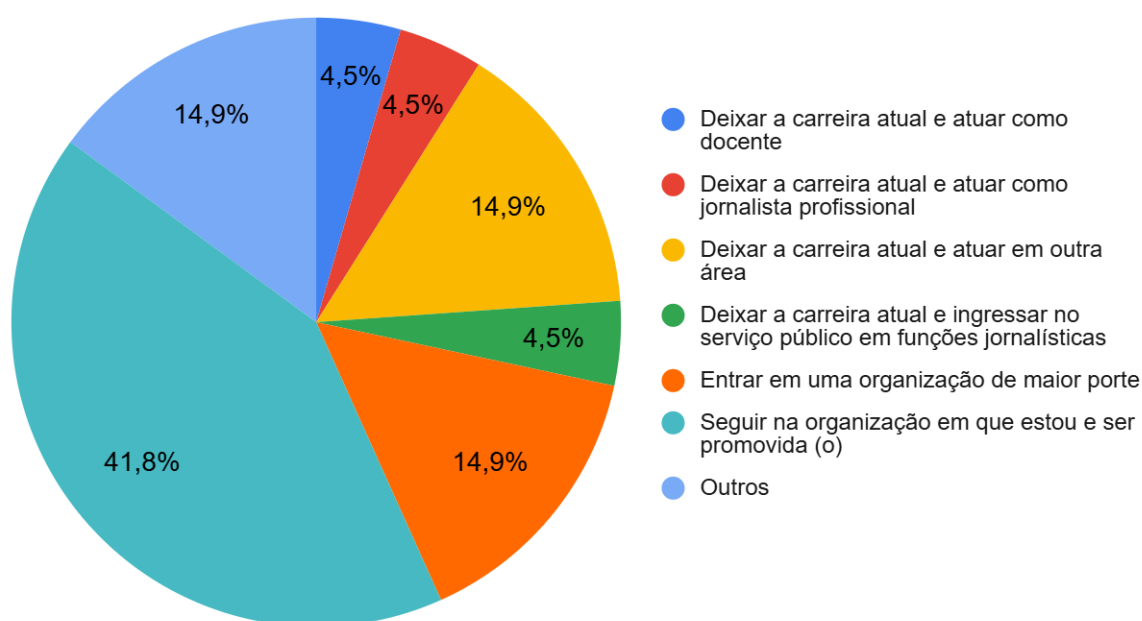
Na próxima pergunta, o formulário investiga os planos profissionais dos respondentes (Figura 25). A maioria (38,8%) afirma que pretende seguir na mesma organização e ser

promovida. Em seguida, aparecem os que desejam entrar em uma organização de maior porte (14,9%), mesmo número daqueles que afirmam desejar deixar a carreira atual e atuar em outra área²⁵. As respostas categorizadas como “outras” incluem algumas particularidades²⁶ e correspondem a 14,9%.

No Perfil do Jornalista Brasileiro, 28,2% querem “Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço”; 22,1% desejam “Seguir na organização que estou e ser promovida (o)” e 15% “Entrar em uma organização de maior porte”. Os que pretendem “Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas” são 8,9%.

Figura 25 – Planos profissionais.

Qual é o seu projeto futuro em relação à sua atuação profissional?



Fonte: O autor.

Apesar da disparidade entre a imagem projetada e a realidade profissional, bem como o contexto de precarização discutido anteriormente, a parcela de respondentes que se arrependeram de escolher essa carreira é baixa (Figura 26). O formulário obteve 13,4% de

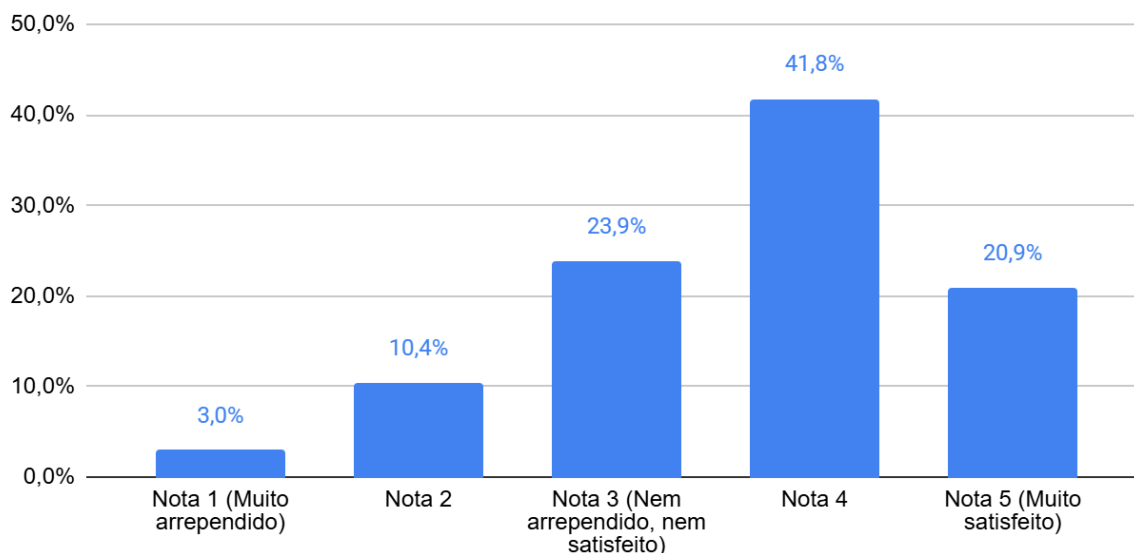
²⁵ Do total de 42 pessoas do grupo dos jornalistas, 9,52% escolheram essa opção.

²⁶ “Voltar para a minha área de jornalismo cultural”, “Uma mistura de jornalismo, documentários e novos formatos que as tecnologias estão oferecendo”, “Seguir onde estou e ir tendo aumentos, mas mantendo o meu ritmo e atividades, ou possivelmente uma oportunidade internacional”, “Diria que nos próximos anos pretendo seguir na mesma empresa, na mesma função. Mas tenho vontade de trabalhar em uma redação de maior porte no futuro. E também considero (de forma mais remota) a possibilidade de me tornar editor na empresa atual, em um futuro mais distante, desde que faça sentido para aquele momento, mas essa é a menor prioridade.”, “Estou em reflexão sobre isso”, “Não sei”.

avaliações que podem ser classificadas como arrependimento (3% como nota 1 e 10,4% como nota 2). 23,9% são neutros e 62,7% estão satisfeitos com a escolha (41,8% de notas 4 e 20,9% de notas 5).

Figura 26 – Arrependimento e satisfação com a carreira jornalística

Em uma escala de 1 a 5, quão satisfeito (a) ou arrependido (a) você se considera por escolher a carreira jornalística (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?



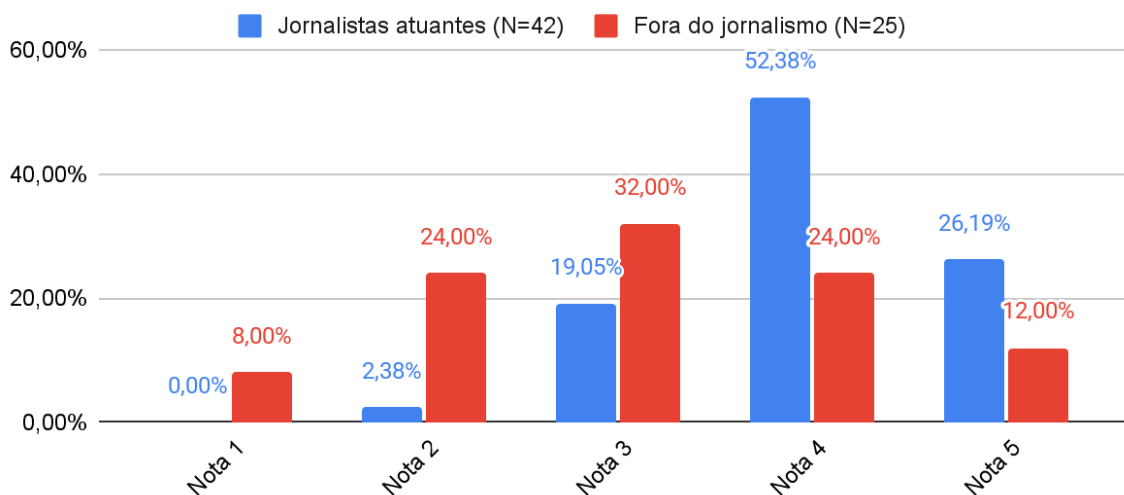
Fonte: O autor.

Novamente era esperado que a análise comparativa indicasse maior arrependimento entre aqueles que saíram do jornalismo (32%, contra 2% entre os jornalistas atuantes). Nesse grupo, há equilíbrio com as avaliações neutras (32%) e satisfeitas (36%). Já entre os jornalistas atuantes, as classificações neutras representam 19,04% e as satisfeitas 78,57% (Figura 27).

Figura 27 – Arrependimento e satisfação com a carreira jornalística (análise segmentada).

Em uma escala de 1 a 5, quão satisfeito (a) ou arrependido (a) você se considera por escolher a carreira jornalística (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

Análise segmentada entre jornalistas atuantes e pessoas fora do jornalismo



Fonte: O autor.

Nesse caso, a análise de sentimentos indica que, apesar das críticas e questionamentos, os respondentes destacam aspectos como valorização do impacto social do jornalismo, realização pessoal, importância da formação e apego à profissão.

Tenho muitas críticas e desapontamentos com o mercado de trabalho, mas sinto que não é super diferente em outras áreas. Sinto que a desvalorização do trabalho, da formação e a pejotização têm sido um movimento muito amplo no país como um todo. Em relação à área da carreira jornalística/comunicação, sou muito satisfeita no geral e não gostaria de fazer outra coisa hoje (Resposta extraída do formulário).

Por mais que eu tenha inúmeras insatisfações com a carreira, não me imagino fazendo outra coisa (não sei se por já estar muito imersa nesse mundo, mas não imagino (Resposta extraída do formulário).

Apesar de ser uma ocupação desvalorizada pela sociedade e pelas próprias organizações jornalísticas, acredito ser fundamental pra manutenção da democracia, então me orgulho da minha profissão e gosto do que eu faço. Projetos em que me envolvo impactam diretamente a vida das pessoas e isso me faz seguir acreditando no potencial do jornalismo como ferramenta de emancipação de grupos minoritários (Resposta extraída do formulário).

Os sentimentos neutros foram atribuídos àqueles que enfatizam os problemas da profissão.

Quando entrei na faculdade, me identifiquei muito com a profissão, apesar de todos os poréns que vem depois disso. É um pouco frustrante, às vezes, quando a gente pensa em carga horária, sobrecarga de trabalho, remuneração e crescimento na carreira, mas de forma geral não me arrependo (Resposta extraída do formulário).

Se soubesse como seria minha rotina, minha escala, talvez tomasse outra decisão. Ao mesmo tempo em que sou muito feliz com o que faço, demanda muito de mim (Resposta extraída do formulário).

Estou satisfeita, mas às vezes tenho minhas dúvidas. O que mais me gera dúvidas é se é possível crescer dentro da profissão, em especial financeiramente. Estou satisfeita com meu salário, mas não quero seguir recebendo o que hoje ganho em cinco anos. Depois que você atinge certo patamar, o processo de salto parece mais difícil. Também não quero viver ansiosa, e ainda não sei controlar isso sendo jornalista (Resposta extraída do formulário).

Já os sentimentos negativos, embora menos representativos, puderam ser identificados naqueles que explicitamente gostariam de ter seguido para outra área.

Não me arrependo das experiências que tive na ECA, mas talvez jornalismo não era a área que de fato procurava (Resposta extraída do formulário).

Eu gostaria de ter escolhido algo com melhores perspectivas de salário (Resposta extraída do formulário).

Em seguida, foi questionado se a não exigência de diploma contribui para as respostas anteriores, uma tese da qual a maioria dos respondentes discorda. Nas respostas, eles destacaram que, na prática, o diploma não é uma obrigação, mas é extremamente necessário para conseguir emprego na área.

As empresas pelas quais passei continuam a desejar profissionais formados em jornalismo para atuar em funções como repórter e editor (Resposta extraída do formulário).

Eu sou a favor do diploma, mas vejo que não foi esse o fator determinante para o sucateamento das redações. O problema é outro (Resposta extraída do formulário).

Não. Considero razoável a não exigência. Embora eu tenha me formado, creio que a experiência angariada com trabalhos na área foi o que de fato me permitiu o ingresso no local onde trabalho hoje, o que ocorreu antes que eu me formasse. Creio que mesmo que eu não tivesse concluído a graduação, isso não teria impacto na minha permanência no meu atual trabalho (Resposta extraída do formulário).

Embora minoritárias, algumas respostas consideraram o oposto:

Não exigir diploma torna a área mais precária (Resposta extraída do formulário).

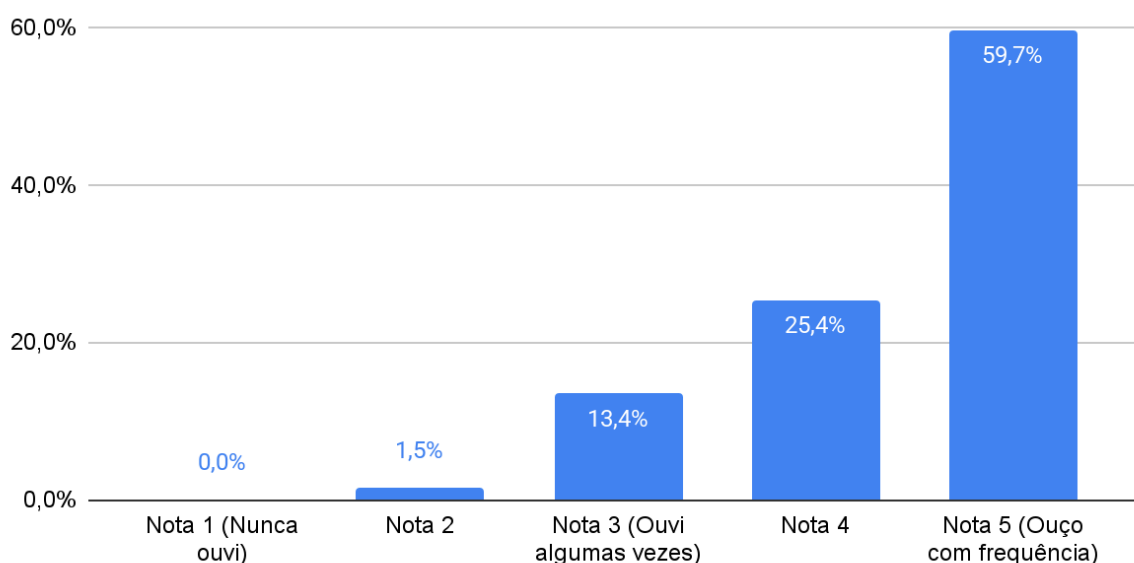
Sim. Ainda considero que a faculdade de jornalismo é essencial para entender tudo o que envolve o ser jornalista –lidar com informações é mais sensível do que pode parecer em um primeiro momento (Resposta extraída do formulário).

Sim. Quando o diploma não é exigido, a competição na área aumenta. Com o atual contexto de influência digital, muitas matérias são assinadas por pessoas sem formação em comunicação, mas que possuem um público pré-estabelecido (Resposta extraída do formulário).

O formulário segue em busca de compreender se os jornalistas estão acostumados a ouvir que a profissão não vale a pena (Figura 28). Nenhum voluntário (0%) afirmou que nunca ouviu essa afirmação e 59,7% dizem que acontece com frequência.

Figura 28 – Comentários de terceiros sobre a profissão.

Você já ouviu outras pessoas dizerem que jornalismo não vale a pena? Com que frequência (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

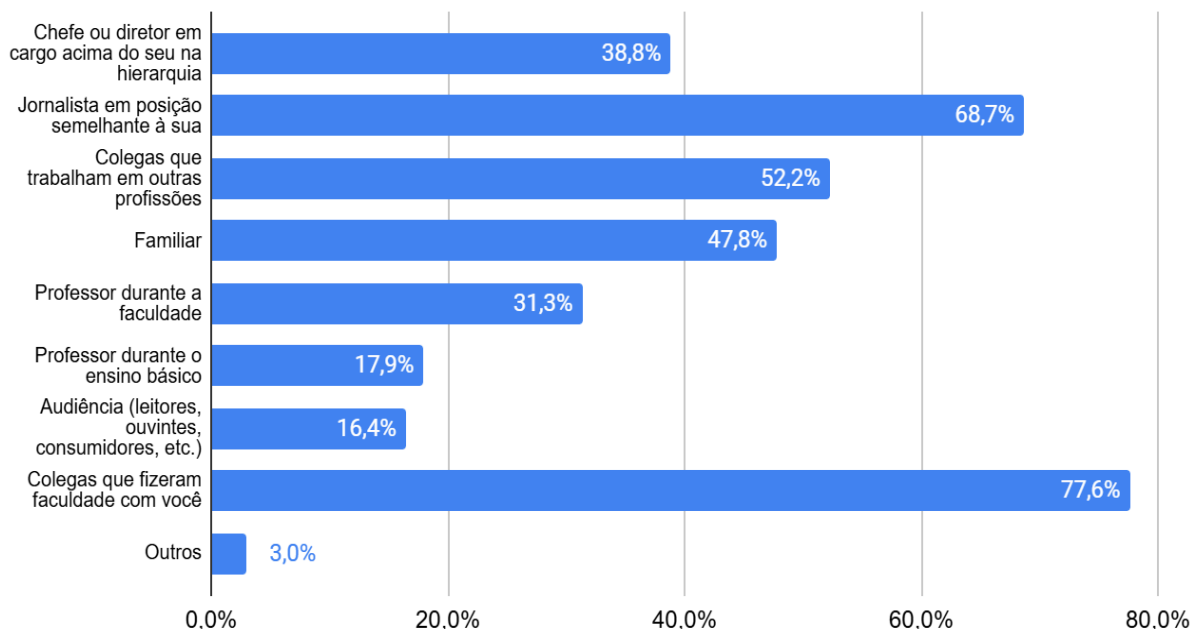


Fonte: O autor.

O tema segue, com o questionamento de quem eram essas pessoas, com a possibilidade de assinalar mais de uma resposta (Figura 29). A maioria (77,6%) é formada por colegas de faculdade. Em seguida, aparecem os jornalistas em posição semelhante (68,7%); seguido por colegas que trabalham em outras profissões (52,2%); familiares (47,8%); chefe ou diretor em cargo acima do seu na hierarquia (38,8%); professor durante a faculdade (31,3%); professor durante o ensino básico (17,9%) e audiência (leitores, ouvintes, consumidores, etc.) (16,4%).

Figura 29 – Pessoas que afirmam que jornalismo não vale a pena.

Quem são as pessoas que dizem que jornalismo não vale a pena?
(É possível assinalar mais de uma resposta)

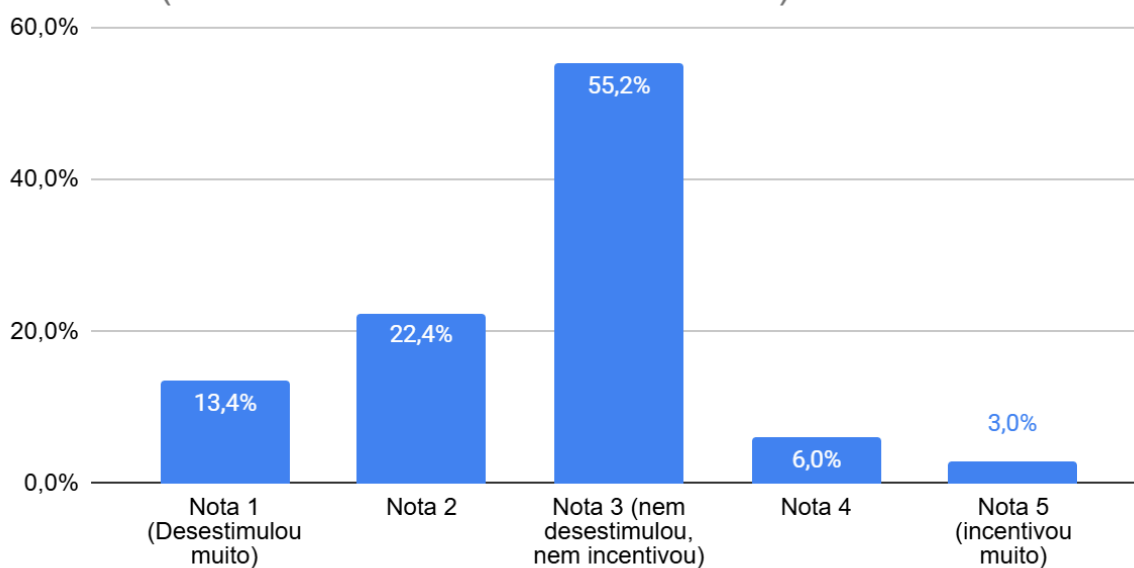


Fonte: O autor.

Esses dados revelam que a realidade profissional não é uma surpresa e os próprios jornalistas ressaltam a disposição necessária para atuar na área. No entanto, mostram também que essa noção é difundida especialmente no ciclo mais íntimo dos jornalistas, vindo de colegas em outras profissões, professores e também de familiares. Para compreender esse contexto, foi perguntado o impacto dessa afirmação (Figura 30). A maioria das respostas (55,2%) se enquadra como neutra. Em seguida, 35,8% aparecem como desestímulo (22,4% categorizadas como “desestimulou em partes” e 13,4% como “desestimulou muito”). As avaliações como incentivo são 9% (formadas por 6% de “incentivou em partes” e 3% de “incentivou muito”). Portanto, embora não seja determinante, a frequência com que os jornalistas escutam tal afirmação é um elemento que compõe as impressões e avaliações deles sobre a profissão.

Figura 30 – Desmotivação com comentários sobre a profissão.

De 1 a 5, quanto você diria que a frequência com que ouviu que "jornalismo não vale a pena" te desestimulou ou incentivou na área (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

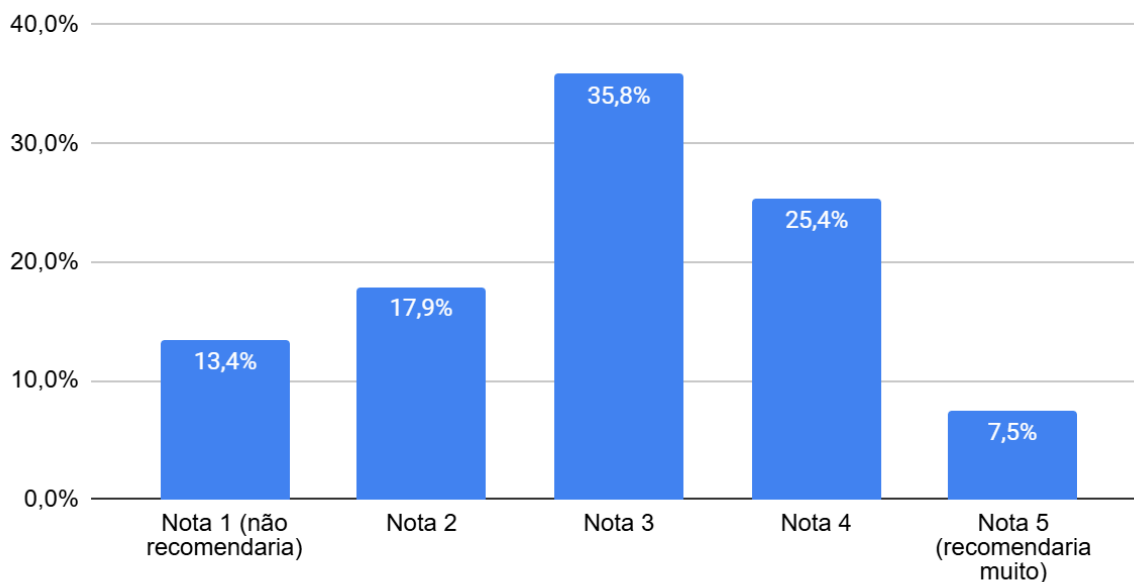


Fonte: O autor.

Questionados sobre a intensidade com que recomendariam a carreira jornalística (Figura 31), há predomínio de avaliações neutras (35,8%). Embora as avaliações categorizadas como “recomendaria” apareçam em segundo lugar, com um total de 32,9% (formado por 25,4% de notas 4 e 7,5% de notas 5), a opção “recomendaria muito” dentro da escala foi a de menor porcentagem. Em relação às avaliações negativas (31,3%), a opção “recomendaria pouco” (nota 2) aparece com 17,9% e a opção “não recomendaria” (nota 1) com 13,4%.

Figura 31 – Recomendação da carreira jornalística.

Quanto você recomendaria o jornalismo para um (a) jovem em fase de vestibular ou um (a) colega de outra área (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?

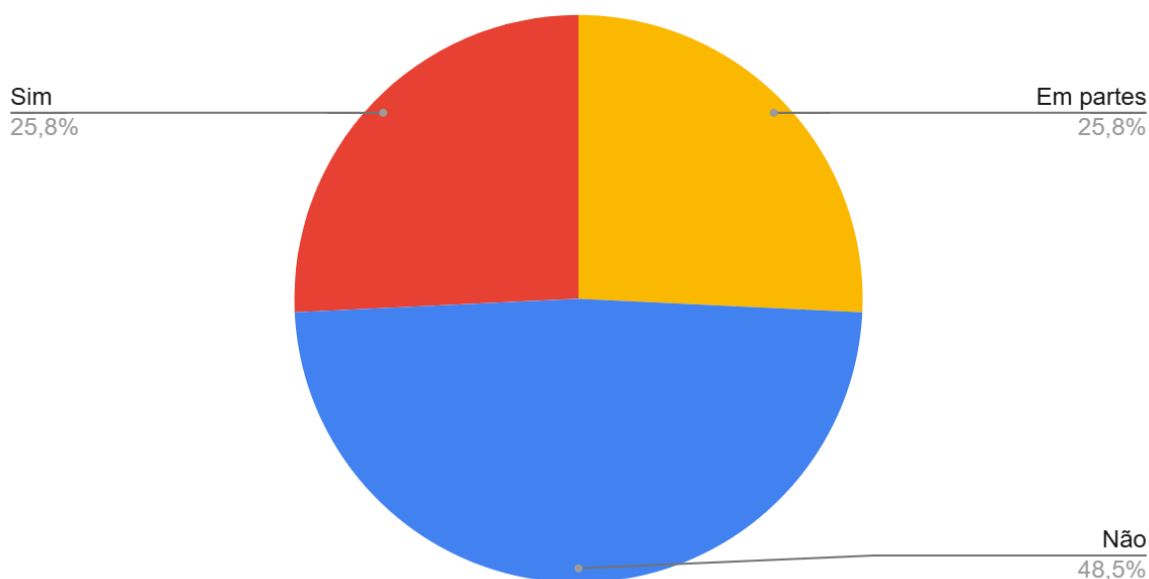


Fonte: O autor.

Para compreender melhor como a profissão de jornalista se relaciona com a vida particular dos profissionais, foi perguntado se o trabalho na área já atrapalhou a vida pessoal significativamente (Figura 32). 48,5% afirmam que não. As respostas “sim” e “em partes” aparecem empatadas, ambas com 25,8%.

Figura 32 – Impacto do jornalismo na vida pessoal

O seu trabalho no jornalismo já atrapalhou sua vida pessoal significativamente?



Fonte: O autor.

Para justificar, os voluntários ressaltam condições de saúde mental e esgotamento no trabalho.

Literalmente desenvolvi depressão (Resposta extraída do formulário).

Toda minha energia ia para a redação, não tinha ânimo para aproveitar o tempo que restava. O estresse da profissão invadiu as minhas relações (Resposta extraída do formulário).

Antes de trabalhar com marketing, trabalhava em redação, com horários pouco convencionais e era difícil conciliar com outras coisas. Um dos motivos pra ter saído foi uma rotina mais "normal" pra poder formar minha família (Resposta extraída do formulário).

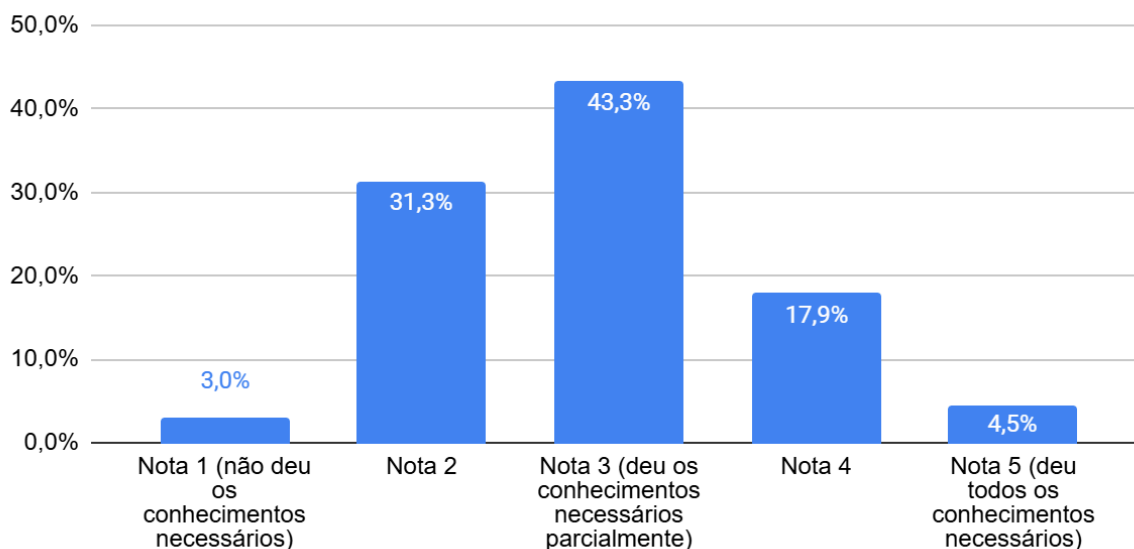
Outros voluntários, entretanto, adotaram um discurso mais conformado, como no exemplo a seguir:

Às vezes é difícil conciliar a vida pessoal com os horários não comerciais [...], mas quem opta por redação acaba tendo que fazer essas concessões (Resposta extraída do formulário).

Convidados a avaliar o papel da faculdade no desenvolvimento de habilidades jornalísticas (Figura 33), a maioria (43,3%) classifica como “parcialmente”. As impressões negativas totalizam 34,3% e as positivas 22,4%.

Figura 33 – Conhecimentos adquiridos na faculdade de jornalismo.

Na sua avaliação, quanto a faculdade te deu os conhecimentos necessários para realizar as atividades que você exerce (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?



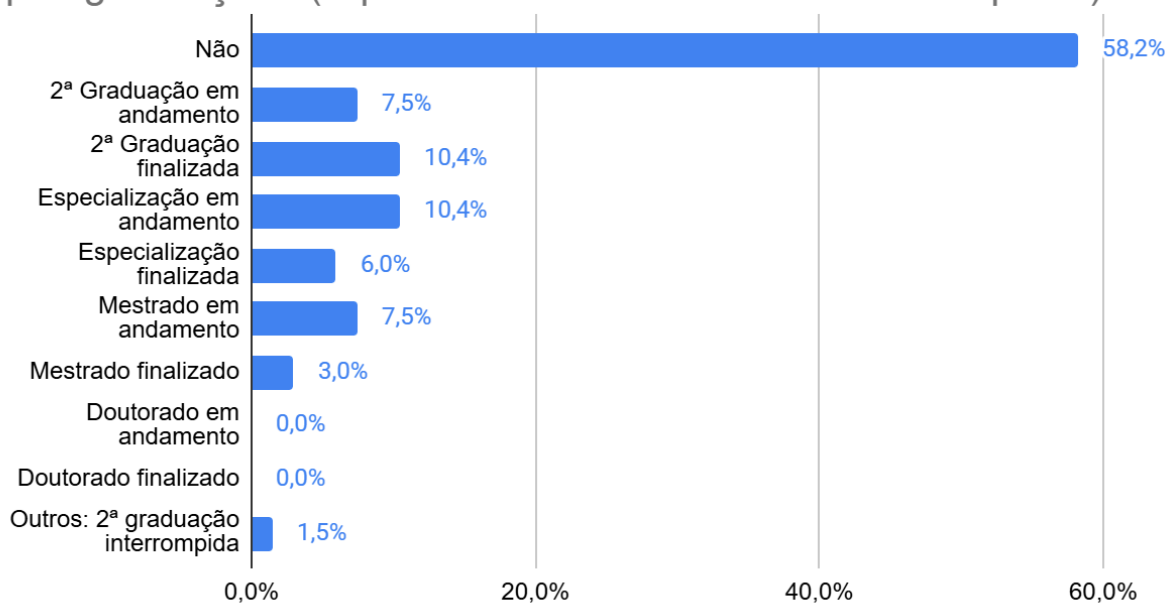
Fonte: O autor.

Como os jornalistas que participaram do formulário são majoritariamente jovens e recém formados, o levantamento sobre pós-graduação, especialização ou 2ª graduação (Figura 33) revela um dado esperado: a maioria (58,2%) não apresenta nenhum dos diplomas ou certificados mencionados acima. 10,4% finalizaram a 2ª graduação, mesmo número dos que têm especialização em andamento. Os que estão cursando a segunda graduação ou o mestrado atualmente são 7,5%. Dos participantes, 6% concluiu a especialização e 3% concluíram o mestrado. 1,5% não concluiu a 2ª graduação. Nenhum voluntário está fazendo ou já concluiu o doutorado²⁷.

²⁷ Nessa questão, foi possível assinalar mais de uma opção, portanto os métodos são diferentes dos obtidos no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, que também foi feito com um grupo mais abrangente de jornalistas. Na pesquisa da UFSC, foi perguntado o nível de escolaridade mais alto dos participantes: 28,6% têm especialização, 14,7% mestrado e 4,7% doutorado.

Figura 34 – Formação complementar.

Você possui uma 2ª graduação, especialização ou pós-graduação? (É possível assinalar mais de uma resposta)

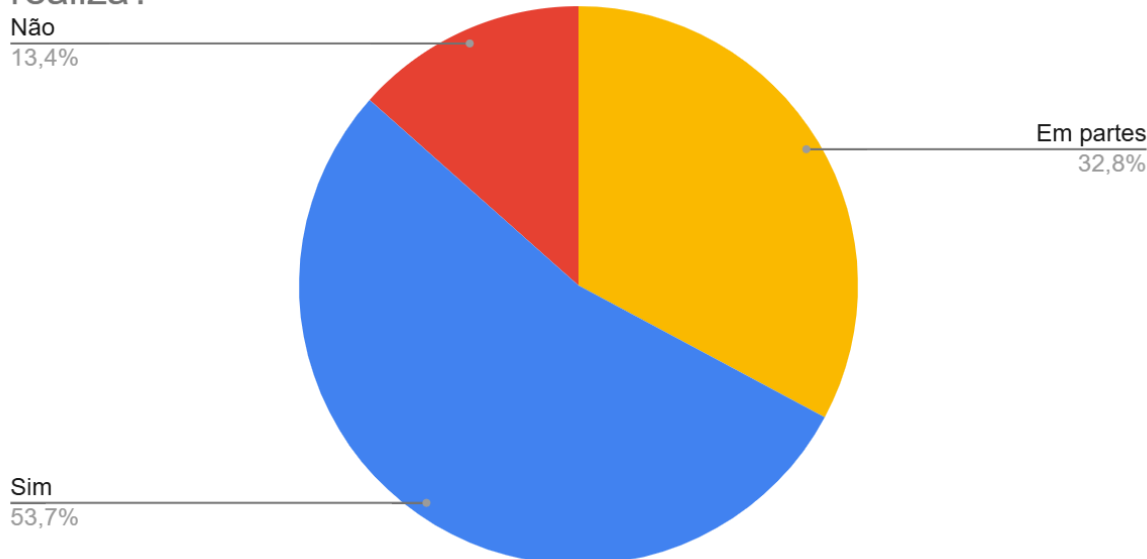


Fonte: O autor.

A questão seguinte pergunta se as empresas nas quais os voluntários trabalham oferecem as ferramentas e apoio necessários para as atividades que eles realizam (Figura 34). 53,7% afirmam que sim, 32,8% afirmam que em partes e 13,4% que não.

Figura 35 – Apoio e ferramentas fornecidas pela empresa.

Na sua avaliação, a empresa na qual você trabalha te dá as ferramentas e apoio necessários para as atividades que você realiza?



Fonte: O autor.

Apesar da prevalência de respostas afirmativas, aqueles que desejaram justificar a afirmação ressaltaram, em geral, dificuldades em relação às ferramentas e equipamentos e sobrecarga por falta de profissionais para dividir o trabalho.

Nenhuma empresa onde trabalhei como jornalista deu as ferramentas ou apoio necessários. Sempre foi uma questão de se virar com o que tem, no tempo que foi dado e com a pressão pelo resultado. Esses são alguns dos fatores que, na minha opinião, colaboram com a queda de qualidade geral do jornalismo (Resposta extraída do formulário).

Os funcionários são precarizados, às vezes precisam fazer investimentos do próprio bolso para dar continuidade a projetos que tocam na organização (Resposta extraída do formulário).

Gostaria de mais gente apurando comigo. Me sinto sobrecarregada (Resposta extraída do formulário).

Ferramentas, sim, mas não há uma equipe para me dar suporte (Resposta extraída do formulário).

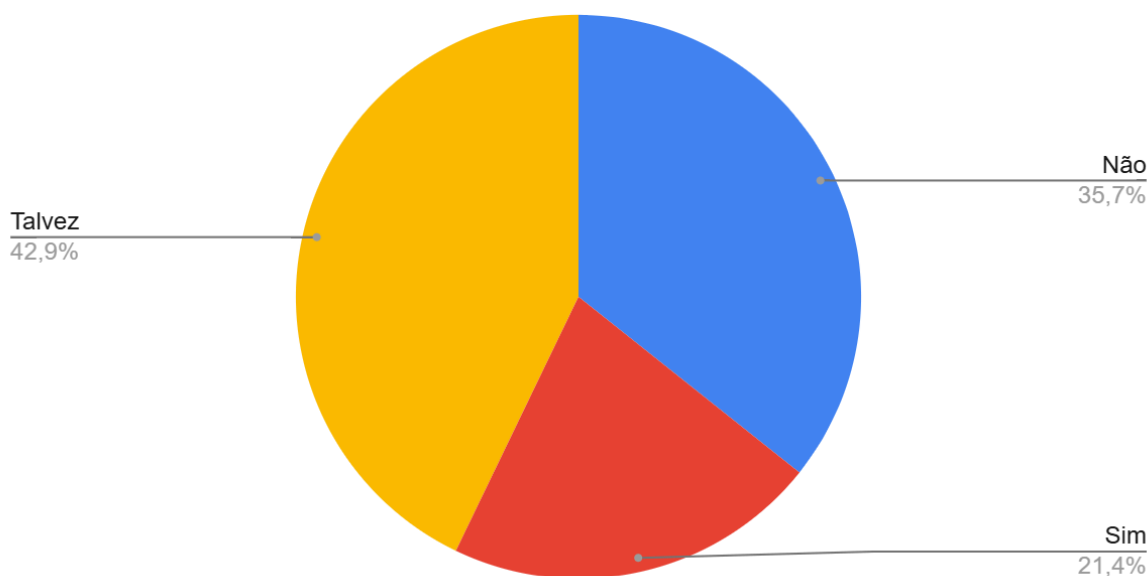
Os voluntários também foram questionados se mudariam de carreira caso tivessem a oportunidade. Nesse caso, a análise foi feita considerando somente o grupo de jornalistas, pois o grupo de não jornalistas inclui justamente quem já mudou de área. O resultado foi uma parcela de 35,7% de respostas negativas; 42,8% talvez; e 21,4% responderam que sim (Figura

35). Ou seja, enquanto um terço dos jornalistas está convicto sobre continuar na profissão, os outros dois terços demonstram abertura para a possibilidade de mudar de área.

Figura 36 – Possibilidade de mudar de carreira.

Você mudaria de carreira caso tivesse a oportunidade?

Análise entre o grupo de jornalistas (N=42)



Fonte: O autor.

A posterior análise de tendência identificou predomínio de áreas como tecnologia de dados e programação, marketing e direito, com foco em melhores salários e condições de estabilidade profissional.

Contemplo a possibilidade de ir para a área do Direito no futuro caso fique insatisfeito com os rumos da minha carreira, mas não tenho esse desejo no momento (Resposta extraída do formulário).

Alguma carreira com possibilidade de crescimento. Talvez no ramo da tecnologia. E que tenha uma rotina de trabalho comum (Resposta extraída do formulário).

Estou estudando marketing para me tornar um profissional mais adaptado às atuais necessidades do mercado e fugir da rotina de jornalista. Se não encontrar ótimas oportunidades no jornalismo, pretendo seguir na área de marketing (Resposta extraída do formulário).

Eu mudaria se me interessasse por outra área que ganhasse mais dinheiro (como a área corporativa ou algum cargo de tecnologia), mas não é o caso - no fundo, sou apaixonada pelo que eu faço e estou "presa" no jornalista, por mais que insatisfeita com as condições do mercado de trabalho atual (Resposta extraída do formulário).

O formulário termina com duas reflexões dissertativas sobre a profissão. Na primeira delas, foi perguntado o que os voluntários mudariam na carreira jornalística. Como era de se

esperar, há um predomínio de críticas à estrutura da profissão, baixa remuneração e condições de trabalho e influência negativa das redes sociais. Alguns exemplos são:

Literalmente tudo: salário, estrutura de plantão, carga horária, exigência de estar sempre disponível (Resposta extraída do formulário).

*A crença de que 'faz parte' se f*der, trabalhar pra caramba e receber menos do que deveria, que ainda é tão disseminada nas redações* (Resposta extraída do formulário).

A pressão por produção para suprir uma demanda de conteúdo criada e formatada pelas redes sociais. Sinto que estamos migrando cada vez mais para uma produção que obedece regras criadas por grandes empresas de tecnologia e nem sendo remunerados por elas. O ritmo intenso de produção diminui a qualidade dos conteúdos e aumenta a ansiedade dos repórteres (Resposta extraída do formulário).

A infração ao código de ética, de alguma forma, deveria afastar o profissional dessa atividade (Resposta extraída do formulário).

Por fim, a próxima reflexão convida os participantes a explicarem o que eles manteriam na profissão. Há prevalência de menções aos princípios éticos do jornalismo, dinamismo e a possibilidade de trabalhar pelo acesso à informação. São exemplos:

A possibilidade que o jornalismo apresenta de jogar luz sobre questões relevantes à sociedade e fomentar debates (Resposta extraída do formulário).

A melhor coisa é o amplo leque de possibilidades aberto aos jornalistas. É possível fazer muitas coisas no jornalismo (Resposta extraída do formulário).

A possibilidade de trazer assuntos complexos de forma palatável ao leitor (Resposta extraída do formulário).

De longe, uma das melhores coisas que o curso de jornalismo me ensinou é ser curiosa. Pesquisar, apurar, ir atrás, transformar uma "bola quadrada" em uma "bola redonda" (Resposta extraída do formulário).

A alma do jornalista. Muitas pessoas trabalham por amor e paixão, por chamado e vocação, mesmo. Por acreditar que o mundo pode ser melhor. Isso não existe em todas as profissões (Resposta extraída do formulário).

A missão de informar e o compromisso com a verdade (Resposta extraída do formulário).

Essa visão positiva mostra que, apesar da precarização estrutural apontada em outras questões, a identidade profissional e o propósito jornalístico ainda são fatores que motivam e orgulham esses profissionais.

5 CONCLUSÃO

A primeira conclusão que se faz necessária é que, ao menos no contexto da ECA-USP, os jornalistas não estão tão arrependidos quanto o levantamento da ZipRecruiter indica. Como discutido anteriormente, o uso do termo “arrependimento” pela plataforma de empregos é passível de relativização, visto que o entendimento de um profissional de que ele poderia ter cursado outra faculdade não significa, de fato, que ele tenha se arrependido. Assim, diferentemente do índice de 87% indicado pela plataforma, esta pesquisa identificou que 13,4% dos jornalistas se consideram arrependidos da decisão de escolher a carreira jornalística, uma situação muito contrastante com os mais de 60% que a classificam essa escolha como satisfatória. Mesmo entre aqueles que deixaram a área e não trabalham com jornalismo, o número de arrependidos corresponde a 32%.

Um dado desta pesquisa que se aproxima das informações da ZipRecruiter é a disponibilidade para mudar de carreira, indicada por 70% dos recém-formados. Portanto, mostrou-se que é mais proveitoso categorizar as satisfações e insatisfações dos jornalistas do que simplesmente atribuir o arrependimento como condição marcante da profissão.

O levantamento bibliográfico permite concluir que, de fato, existe uma imagem projetada sobre a atuação jornalística, retratada sob um viés romantizado, de glamour e heroísmo, o que pode ser considerado um fator atrativo para a iniciação na carreira. A criação dessa imagem, muito atribuída ao cinema, à literatura e às representações romantizadas da profissão, se transforma em uma caricatura, mas é desfeita nos primeiros meses de faculdade e nas primeiras experiências profissionais, o que acaba criando um cenário de frustração e expectativas não correspondidas.

Paralelamente, foi demonstrado que também existe uma compreensão prévia sobre a realidade profissional dos jornalistas, situação na qual foi identificado um conformismo em relação aos obstáculos possíveis e prováveis na área. Isso foi comprovado a partir dos muitos relatos de que, mesmo antes de entrar no mercado de trabalho, os recém-formados não esperavam grandes salários ou estabilidade na carreira.

Ao abordar o jornalismo sob o viés do trabalho, foi possível esmiuçar o panorama profissional da área, que tem a precarização como fator determinante e de interferência na qualidade do produto jornalístico. No geral, os jornalistas fazem parte de uma categoria mal remunerada, com renda inferior às competências e dedicação exigidas. Também é identificada a carga horária extenuante, com longas jornadas e a dificuldade de separar os momentos de

trabalho e não trabalho, além da instabilidade, demissões e naturalização dos contratos sem direitos trabalhistas. Esse panorama, no entanto, não é exclusivo da categoria Mais do que isso, é um fator marcante do trabalho contemporâneo. Em suma, é uma realidade abrangente que acomete trabalhadores em diferentes situações no Brasil e no mundo.

Apesar das semelhanças com outras áreas, a atuação jornalística é diferenciada a partir de uma relação particular com o tempo, responsável por criar um *estilo de vida* próprio que que encontra na rotina estressante uma dimensão de prazer.

Diante desse cenário, se satisfazem no jornalismo aqueles com uma tendência a encarar a profissão sob os pontos de vista do propósito e do sagrado; aqueles que consideram a atuação jornalística como uma missão. Como consequência disso, cria-se uma conformidade com a precarização da categoria, uma condição que passa a ser considerada válida pois acontece em nome de um objetivo maior — seja ele a vontade de mudar o mundo, de dar voz aos desprivilegiados ou de combater desigualdades. Para além do *ser*, o *manter-se* jornalista depende da *adesão* (Travancas, 2011) e da disposição para encarar essa realidade. Por isso, embora não estejam arrependidos, muitos jornalistas que participaram da pesquisa afirmaram que não recomendariam a profissão. Esse aspecto também permite concluir que ser jornalista é uma condição marcante na vida das pessoas. Se, por um lado, os dados do formulário consolidam a insatisfação com os salários e com os altos níveis de exigência, por outro, mostram que jornalismo muitas vezes é um sinônimo de realização.

Por fim, é necessário ressaltar que, antes de respostas definitivas, este trabalho buscou refletir sobre a realidade profissional do jornalismo. Com os dados obtidos, novas possibilidades aparecem e outras perguntas vêm à tona. A insatisfação é exclusiva ou mais determinante entre os jornalistas? Se a precarização é uma realidade ampla, não teriam os profissionais de outras áreas reclamações semelhantes? Os jornalistas se consideram mais sofridos e pressionados que outros trabalhadores? O que pode ser feito para transformar as condições de trabalho no Brasil e no mundo? E o que os próprios jornalistas podem fazer em busca de novas e melhores condições?

Para essas respostas, outros estudos, levantamentos e dados são necessários. Mas para quem *é* ou *quer ser* jornalista, fica a lição de que, conforme poetizado por Marcondes Filho (2009), estar nessa carreira não significa ser livre ou poderoso, mas pressupõe se dedicar diariamente, estar disponível aos domingos e feriados, e passar horas reclamando da vida.

6 REFERÊNCIAS

BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 2,54 Mb). ISBN 978-85-524-0396-8.

DRUCK, Graça. **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Caderno CRH, 24 (esp), p. 37-57, Salvador, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400004>

FIGARO, Roseli. **Jornalismos e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI**. Parágrafo: São Paulo, p. 23-27, 2014.

_____; SILVA, Ana Flávia Marques da. **A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo**. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr.-jul. 2020.

_____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume Editora, 2008.

GALHARDI, Raul. **Entre o sonho e a realidade: quando o jornalista muda de carreira**. IJNet - Rede Internacional de Jornalistas, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://ijn.net.org/pt-br/story/entre-o-sonho-e-realidade-quando-o-jornalista-muda-de-carreira>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Grisci, C. L. I. and Rodrigues, P. H. (2007). **Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial**. Psicologia & Sociedade, 19(2), 48-56. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822007000200007>

KUCINSKI, Bernardo. **Declínio e morte do jornalismo como vocação**. In: Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora UNESP; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 101-110.

LELO, Thales Vilela. **A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias: uma identidade profissional em risco?**. Tempo Social, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 2, p. 243–261, 2019. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.146626. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/146626>. Acesso em: 1 jun. 2025.

_____. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. 2019. 1 recurso online (231 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637229>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LEWIS, Katherine Reynolds. **Let's Retire the 'Leaving Journalism' Fallacy**. Nieman Reports, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://niemanreports.org/lets-retire-the-leaving-journalism-fallacy/?mibextid=ox5AEW>. Acesso em: 18 abr. 2025.

LIMA, Samuel Pantoja; et al. (Orgs). **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.

LINARES, César López. **Colombian journalists want to leave profession due to precarious working conditions, according to research**. LatAm Journalism Review, 27 fev. 2025. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/articles/colombian-journalists-want-to-leave-profession-due-to-precarious-working-conditions-according-to-research/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus. 2009.

MARQUES, Ana Flávia; BARROS, Janaina Visibeli; SILVA, Naiana Rodrigues da; COSTA, Rafael Rodrigues da. **O perfil de jovens jornalistas no Brasil: entre a precarização e a identificação profissional**. In: BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 2,54 Mb). ISBN 978-85-524-0396-8.

MARTINS, F. dos S.; MACHADO, D. C. **Uma análise da escolha do curso superior no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos de População, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 1–24, 2018. DOI: 10.20947/S0102-3098a0056. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1174>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MOREIRA, Sonia Virgínia; PEREIRA, Antonia Alves. **Cursos de Jornalismo em perspectiva histórico-geográfica: arranjos locais e regionais no Brasil**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 19–30, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v26i1p19-30. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/174135>. Acesso em: 12 mai. 2025.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **O ‘novo ritmo da redação’ de O Globo: A prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia**. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM. São Paulo: FIAM-FAAM, n. 2, vol. 2, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/234/280>. Acesso em 31 mai. 2025.

NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NICOLETTI, Janara; KIKUTI Andressa; MICK, Jacques. **A precariedade tem gênero? Condições de trabalho, saúde e violências das jornalistas brasileiras**. In: BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 2,54 Mb). ISBN 978-85-524-0396-8

_____. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. Tese (doutorado) –

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446>.

_____; FIGARO, Roseli. **Trabalho precário como fonte de adoecimento mental e sofrimento ético. O trabalho de jornalistas no Brasil: desigualdades, identidades e precariedades**. Florianópolis: Insular, 2023. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003167824.pdf>.

OLIVEIRA, D. **Iniciação aos estudos de jornalismo**. São Paulo: AbyaYala, 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O Trabalho de Jornalistas no Brasil**. In: BARROS, Janaina Visibeli; NICOLETTI, Janara; LIMA, Samuel Pantoja (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 2,54 Mb). ISBN 978-85-524-0396-8.

PEREIRA, Fábio Henrique. **As transformações do mundo dos jornalistas: a consolidação de novos valores profissionais a partir dos anos 1950**. Disponível em: <https://www.academia.edu/1240153>. Acesso em: 29 mai. 2025.

PETRARCA, F. R. **O Jornalismo como Profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul**. 2007. 308f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, [1993] 2011.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?** São Paulo: Summus, 1991.

ANEXOS

Formulário “Satisfações e insatisfações com a carreira entre jornalistas formados pela ECA-USP”:

1. Em que ano você se formou em jornalismo na USP? (Apenas números)
2. Com qual gênero você se identifica?
3. Como você define sua cor/raça?
4. Você pertence a qual faixa etária?
5. Em relação ao jornalismo, qual é a sua situação atual?
6. Qual o tipo de vínculo empregatício no seu trabalho principal?
7. O tipo de vínculo empregatício tem alguma influência em quão satisfeito você se sente no seu trabalho? Por quê?
8. Em sua ocupação principal, qual é sua área de atuação?
9. Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho? (É possível assinalar mais de uma resposta)
10. Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?
11. Em média, quantas horas você trabalha por dia?
12. De 1 a 5, quão adequada você considera sua carga-horária (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
13. Você se sente estressado (a) no trabalho?
14. Se desejar, justifique a resposta acima.
15. Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?
16. Você já foi ameaçado (a) ou atacado (a) por causa do seu trabalho? Em qual situação?
17. Seu trabalho já foi influenciado pelo medo de sofrer algum tipo de retaliação?
18. Se desejar, justifique a resposta acima.
19. De 1 a 5, quão satisfeito (a) você está com a intensidade da sua rotina (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
20. Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho? Valor do salário mínimo: R\$ 1.518,00
21. Quão adequada você avalia a sua remuneração considerando as atividades que você exerce (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
22. Quando você decidiu se formar em jornalismo, quais eram suas expectativas?

23. De 1 a 5, quanto você considera que essas expectativas foram correspondidas (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
24. Se desejar, justifique a resposta acima.
25. Qual é o seu projeto futuro em relação à sua atuação profissional?
26. Em uma escala de 1 a 5, quão satisfeito (a) ou arrependido (a) você se considera por escolher a carreira jornalística (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
27. Se desejar, justifique a resposta acima.
28. Você acha que a não exigência de diploma contribui para a sua resposta anterior? Como?
29. Você já ouviu outras pessoas dizerem que jornalismo não vale a pena? Com que frequência (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
30. Quem eram essas pessoas? (É possível assinalar mais de uma resposta)
31. De 1 a 5, quanto você diria que a frequência com que ouviu que "jornalismo não vale a pena" te desestimulou ou incentivou na área (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
32. Quanto você recomendaria o jornalismo para um (a) jovem em fase de vestibular ou um (a) colega de outra área (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
33. O seu trabalho no jornalismo já atrapalhou sua vida pessoal significativamente?
34. Se desejar, justifique a resposta acima.
35. Na sua avaliação, quanto a faculdade te deu os conhecimentos necessários para realizar as atividades que você exerce (sendo 1 a menor nota e 5 a maior)?
36. Você possui uma 2ª graduação, especialização ou pós-graduação? (É possível assinalar mais de uma resposta)
37. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, qual curso e em qual instituição?
38. Na sua avaliação, a empresa na qual você trabalha te dá as ferramentas e apoio necessários para as atividades que você realiza?
39. Se desejar, justifique a resposta acima.
40. Você mudaria de carreira caso tivesse a oportunidade?
41. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, para qual carreira você iria e em quais circunstâncias?
42. Se você pudesse mudar uma coisa na carreira jornalística, o que seria? E se

43. Se você pudesse manter uma coisa na carreira jornalística, o que seria?
44. Existe algo mais que você gostaria de comentar?